



Charles Kiefer

O escorpião
da sexta-feira

romance

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Charles Kiefer

O escorpião
da sexta-feira

romance

Charles Kiefer

O escorpião da sexta-feira

2ª edição
(1ª edição Record)



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2006

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Kiefer, Charles, 1958-

K58e O escorpião da sexta-feira / Charles Kiefer. – Rio de Janeiro: Record, 2012.
Recurso Digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09846-7 [recurso eletrônico]

I. Títul.

06-1553

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Copyright © 2002 by Charles Kiefer (charleskief@paginadacultura.com.br),
representado pela Página da Cultura (paginadacultura@pobox.com).

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09846-7

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Sim, eu a ouvi gritar, insensato,
insensato, três ou quatro vezes.*

Fui à rua Duque de Caxias, na esquina com a Bento Martins, procurar o arquivista, a mando do arcebispo. Seria a nossa última tentativa de encontrá-lo. Depois, publicaríamos uma nota no *Correio do Povo*, anunciando o abandono de emprego.

No edifício, ninguém sabia de seu paradeiro.

“Talvez tenha retornado a Pau-d’Arco”, disse-me o zelador.

“Pau-d’Arco?”, perguntei.

“É”, murmurou o homem, com um palito no canto da boca, “ele falava sempre em voltar pra sua cidade natal. Acho que nunca conseguiu se acostumar com Porto Alegre.”

Prestativo, o zelador me deixou examinar a residência de meu colega de trabalho, mas não me deu o molho de chaves. Preferiu subir comigo e esperar no corredor, enquanto eu entrava no 904. Não fosse o pó depositado sobre os móveis, que traía um longo abandono, seria possível imaginar o seu imediato regresso.

A cozinha estava limpa, organizada, a geladeira permanecia em funcionamento. Nossa, eu pensei, mas o cara adorava temperos. Devia ter mais de trinta potes enfileirados numa estante suspensa sobre a pia.

Na sala, havia diversas estantes abarrotadas de livros. Todos em absoluta ordem. Era correr o dedo e lá estava o Cervantes depois

do Balzac, o Artaud antes do Borges. Nunca gostei de ler, acho uma chatice. No canto direito, próximo do janelão, encontrei um aquário vazio. Onde já se viu, areia e pedras no lugar da água? Cada louco com a sua mania. Minha mãe usava uma pia do banheiro da empregada como floreira.

No quarto, mais estantes com livros.

O banheiro era enorme, desses antigos, com boxe, vaso sanitário, bidê, balcão e armário. Penteei os cabelos, apertei um cravo, mexi nas dezenas de frascos de perfumes, cremes, xampus. Um melhor que o outro, tudo coisa fina. De marca. A Nossa Senhora de Lourdes, numa espécie de santuário particular, ao pé da basculante, cercada de velas derretidas, vigiava o ambiente.

“É melhor chamar a polícia”, disse o zelador, na sala.

Levei um susto, eu tinha esquecido que não estava sozinho.

“O senhor não tem o endereço dele, em Pau-d’Arco?”

“Infelizmente, não.”

“E a moça que morava com ele, a Luísa, o senhor tem visto?”

“Então não sabe? Não ficaram muito tempo juntos. Ela fugiu com o dinheiro dele. Me chamaram na delegacia, ele me indicou como testemunha. Só falei o que eu achava, que ela era estranha, devia ser viciada. Andava nuns trajes que só vendo.”

“Sacrilégio”, exclamou o arcebispo, quando descrevi o oratório que encontrei, ao lado do vaso sanitário, onde devia ter sido a banheira.

“Vai ver, ele tinha vergonha e queria esconder a fé”, eu disse.

“Hoje em dia é assim, até os seminaristas andam se afastando de Deus.”

“Vasculhei tudo, não encontrei nenhuma pista sobre o paradeiro de Antônio. O homem sumiu”, eu continuei.

“Então, Ricardo, vamos demitir por justa causa”, o arcebispo sentenciou.

1

Os escorpiões são calmos, metódicos e pragmáticos. Durante o dia, deprimidos pelo excesso de luz, dormitam escondidos em pequenos buracos, debaixo de pedras, sob a casca de madeiras apodrecidas. À noite, revitalizados e famintos, partem em busca de insetos, aranhas e outros escorpiões. Atacam sempre da mesma forma: usam as pinças para os seres pequenos, que são aprisionados e esmagados, e o veneno da cauda para os maiores, alguns tipos de roedores, que são paralisados antes da morte. Das mil e cem espécies conhecidas, apenas vinte têm o poder de matar seres humanos. Eu também ataco as mulheres sempre do mesmo modo. Entro nas boates, apesar do horror que me causam a fumaça de cigarro e o som barulhento, sento-me a um canto e peço água tônica. Jamais ingiro álcool, respeito o meu corpo. O quinina cura lepra, escorbuto e fortalece o espírito. Antes do primeiro gole, a *caça* percebe a minha presença. Jovem, bonita, olhar lascivo, blusa transparente, cigarro esfumaçante entre os carnudos lábios rubros, sorri. Punge, punge a mistura de inocência e maldade. Eu faço o ar mais desolado possível, não preciso me esforçar muito para parecer triste, basta pensar em Luísa. Toda puta, por mais corrompida que

seja, sonha encontrar um homem a que possa salvar da desgraça, da miséria moral, da solidão. O mal jamais consegue apoderar-se por inteiro de uma alma. Quando uma rameira vê um homem deprimido num antro de pecado, contemplando o nada ou o fundo de um copo de uísque, supõe que ele ali esteja pela primeira vez, que foi traído pela esposa, que veio se vingar. As variações não são muitas.

“Posso?”, ela pergunta, e senta-se à banquetta oposta. Nossos joelhos se tocam. Na pequena mesa mal se equilibram a garrafa de água tônica, o copo e a delicadeza fingida, de parte a parte. A luz, não tão escassa na galeria lateral em que nos encontramos, permite-me fitar-lhe os olhos verdes. Encontro neles, no fundo deles, a mesma inconstância, a mesma ironia latente, os mesmos lampejos de brilho maldoso do olhar de Luísa. A adolescente, é ainda uma adolescente, tem os mesmos grandes e melancólicos olhos verdes da primeira mulher que matei, e a mesma vaidade no nariz empinado, a mesma inquietação nervosa nas mãos pequenas e magras. O excesso de base nos pomos do rosto e as olheiras acentuadas deixam-na mais velha do que realmente deve ser. Impressão acentuada pelo forte traço de lápis nos sulcos palpebrais.

“Esteja à vontade”, respondo, quase ríspido. Sinto uma estranha inquietação, um contraditório desejo de ser deixado em paz. Como se até mesmo ali houvesse o risco de ser rejeitado.

“É a primeira vez que vens ao Madrigal?”

Tem uma voz de falsete, em que se misturam coquetismo e enfado. Balanço a cabeça, mecanicamente. É fácil mentir. Eu também, ela diz, sem convicção nenhuma. Má atriz. Num gesto instintivo, levanto o rosto. Sorrio de sua desajeitada tentativa de recuperar a dignidade. Antes que se ponha a sonhar com uma vida decente, a contar-me sobre a mãe entrevada e os irmãos famintos,

pergunto-lhe o preço e restabeleço a ordem natural das coisas. O semblante terno e doce desaparece, o olhar quase meigo torna-se vago e frio. Quando ela gira o rosto para a pista de dança, ou quando se fixa por um instante na porta acolchoada por onde entram os clientes ruidosos e as prostitutas cansadas, tenho a impressão de estar diante da única mulher que amei. A mesma curva do nariz, o mesmo queixo anguloso, o mesmo corte de cabelo. E o mesmo semblante, puro e frágil. Não me iludo com o que vejo. Ou já não me iludo. Nos olhares lânguidos, nos trejeitos asquerosos, nas vozes voluptuosas em busca de aventura ou de profissionais corrompidas pelo dinheiro fácil, *vejo* Lilith, a noturna, a que fere de longe, a soberana das trevas, a mais sofisticada sedutora. No entanto, mesmo à mulher mais vulgar, ainda àquela em cujo rosto não mais se encontram vestígios de inocência, dou uma chance. Nem todas são capazes de aproveitar a oferta. Eu também tive a minha, mas preferi seguir o rumor de meu desejo.

“Tu gostas de fábulas?”, eu pergunto à queima-roupa, começando o teste que sempre faço.

“De quê?”, retruca a mulher, sonolenta.

“Histórias com animais”, explico.

“Ah”, ela murmura. O rosto crispa-se, os olhos readquirem luz. Passa a língua nos lábios, lúbrica.

“Adoro”, diz. “Minha amiga, que trabalha aqui também, aquela lá ó, de cabelo curtinho, no canto, com o gordo careca, só goza com o pastor alemão dela. Eu nunca fiz, tenho medo. Já pensou se o animal enlouquece e te morde o pescoço?”

Pressiona a própria garganta com os dedos em garra.

“Não é desse tipo de história que estou falando”, digo, irritado.

“Ai, benzinho, não fica nervoso. Então conta uma das tuas histórias, conta”, ela prossegue, melosa, e alisa-me o braço.

Penso em desistir, levantar, voltar para casa, alimentar Genghis Khan, mas torno a ouvir a voz que me persegue, implacável.

“Sapo, não seja covarde.”

Luísa, para me agredir, às vezes me chamava de *sapo*.

“Tirei a história de um filme”, prossigo, sem fitar a mulher. “Um escorpião quer atravessar um rio, mas não sabe nadar. Pede carona a um sapo. Desconfiado, o sapo recusa-se a carregá-lo nas costas. O escorpião insiste. Não posso, diz o sapo, por que tu vais me picar. Deixa de ser burro, se eu te picar, morremos afogados os dois. O argumento faz o sapo ceder. No meio do rio, ao sentir o fogo do veneno nas costas, o sapo, perplexo, ainda tem tempo de perguntar por quê. Não consegui resistir à minha natureza, explica o escorpião.”

“Putá história, cara.”

Há sinceridade na voz da mulher. Não posso levantar os olhos, perderia a coragem.

“E aí, que tal?”

“Boa mesmo, muito dez”, ela responde.

“E o sapo?”

“Que que tem o sapo?”

“Corajoso?”

“Burro, isso sim.”

“Mas o sapo confiou no escorpião.”

“De idiota.”

“Ele prometeu não picar.”

“Ninguém muda de natureza”, a prostituta explica e sorri.

Nem foi preciso prosseguir. Luísa fora a única que acreditara poder mudar a sua própria natureza. Ou a minha. Se o escorpião se apaixonasse pelo sapo, ela ponderou, seria mais forte e resistiria. Por quanto tempo?, perguntei. Dependeria da largura do rio, ela

arrematou e encheu a tarde com seu riso infantil, em que se misturavam arrogância e desdém.

“Essa tua história do escorpião é foda mesmo”, diz a mulher, aos gritos.

A música-bate-estaca faz vibrar os objetos sobre a mesinha.

“Vamos embora”, eu digo.

“Não posso. A gente trepa aqui mesmo, é norma da casa”, ela responde.

“Pago a consumação. E o dinheiro do quarto fica pra ti, como um extra.”

A tática é infalível. Nenhuma puta resiste.

“Negócio fechado, mas não posso sair antes das três. Faço o meu *strip* às duas. E agora me dá licença, que eu preciso circular. Ou tu mandas descer uma Keep Cooler?”

“Mais tarde, lá em casa, vais beber uma Moët & Chandon”, retruco.

“Que chiquê”, exclama, com mais ironia que admiração, sem tirar os olhos da minha água tônica. Levanta-se, aproxima-se e encosta a anca no meu braço. Agarro-a pela cintura, introduzo a mão direita sob a saia curta e justa, ela ri e entreabre as coxas, facilitando a ação dos meus dedos. A buceta úmida e quente não me excita.

“Me espera”, ela sussurra e introduz a língua no meu ouvido. Depois, afasta-se, com o gingado das modelos. Tem a bunda arrebitada, as nádegas sólidas, caminha com graça e leveza, um pé adiante do outro, como se andasse sobre uma linha traçada no chão.

Duas horas mais tarde, chamo o atendente e acerto a conta.

“Te cuida, menina”, diz o leão-de-chácara, na saída.

Sinto um zumbido nos ouvidos, efeito dos muitos decibéis da aparelhagem de som.

“Sou bem crescadinha”, retruca a mulher, já na calçada.

“Aqui, estás protegida. Na rua, és tu e Deus”, ele ainda argumenta.

“Eu, Deus e este meu amigo”, ela continua e se engancha no meu braço, rindo. A Avenida Farrapos pulula, as mulheres debruçam-se nas janelas dos carros importados, estacionados nas esquinas. Eu ouço o chiado das luzes de *neon*. Seguimos, em silêncio, como um casal que regressasse de uma festa. Penso em Pau-d’Arco e no estrídulo das cigarras nas mornas tardes de dezembro. Saio às sextas-feiras, quando o movimento é maior. Esta é a quinta, Luísa foi a primeira. Ainda sinto o mesmo ódio. Se pudesse, a matava outra vez.

“Vamos”, diz a mulher, como que a me arrastar.

Eu não tenho pressa, meu coração não dispara, nem me sinto angustiado. A dor me cauterizou, Luísa me cauterizou.

“Você mora por aqui?”

“Na Duque de Caxias”, respondo.

“Então é melhor pegar um táxi, ela diz e estende o braço ao primeiro que passa.”

“Vamos caminhar mais um pouco”, eu digo.

“*Meu* tempo está correndo”, ela retruca.

“Sei, *teu* tempo está correndo, mas não tem problema, eu pago o *teu* taxímetro.”

“Já entendi, precisas conversar primeiro, não é?”

“Acertou.”

Faço sinal ao motorista do táxi, que siga, que siga, e nos deixe em paz. Impressiona-me a ingenuidade das mulheres. Esta mal me conhece e já está aqui, *comigo*, afastada dos que a poderiam proteger.

“Não vai querer saber por que caí na vida?”

“Conta”, eu digo, sem muita ênfase.

“Tem dois anos que fugi de Horizontina.”

Somente na esquina da Alberto Bins com a Barros Cassal percebo que a mulher continua a falar. Não ouvi nada.

“Como te chamas?” Tento ser gentil.

“Laila. E tu?”

“Mozart”, respondo com vontade de rir. Ponho-me a assoviar um trecho do *Réquiem*.

“Linda, essa música”, ela exclama.

Na altura da Santa Casa, recusa-se a continuar.

“Só se for de táxi, meus pés estão em carne viva.”

“Está bem.”

Tomamos o primeiro carro que passa.

“Adoro esse castelinho”, ela diz, minutos depois, já na Duque.

Passamos pela Catedral, sinto vontade de mandar parar o carro. Talvez fosse melhor levá-la às galerias, como fiz com outras. O corpo é sempre um problema. Não gosto de esquartejar. Demoro a decidir e já estamos estacionando diante do meu edifício.

Subimos ao apartamento, abro a janela da sala. Laila apanha um cigarro.

“Tem fogo?”

“Por favor”, eu digo.

Ela entende e desiste de fumar. Vou à cozinha, trago uma bandeja com champanhe, água mineral, castanhas, nozes, pistache, tâmaras, damascos e duas taças. Com a rapidez das mulheres fáceis, Laila já tinha se livrado do vestido. Nua, esparramara-se no sofá. Largo tudo na mesinha de centro, reduzo a luz à quase escuridão.

“Mozart é um músico do século dezoito, eu me chamo Antônio.”

Uma onda de ternura me invade, breve e insuficiente ainda para me comover. A verdade é perigosa. Como as raízes no fundo da terra, inesgotável, incansável, ela abre caminho, sobe por túneis e

gretas, vence obstáculos, lençóis freáticos, sobe, atravessa minérios e argila, sedimentos e objetos em decomposição, sobe e irrompe na superfície.

“Também menti”, ela confessa, “também não me chamo Laila, meu nome é Maura.”

Apresso-me a entrar no quarto, para esconder o nervosismo. Apanho uma toalha, retorno à sala, recolho as roupas da mulher espalhadas pelo chão.

“Use o Fendi, no pescoço, nas axilas, nos pêlos. É o quinto frasco da esquerda para a direita, no armarinho.”

“Tu colecionas perfumes?”, a rameira grita, do banheiro.

“E mulheres”, eu digo, na sala, em voz baixa. “Sinto prazer no cheiro de buceta, bons perfumes e temperos exóticos.”

“O que é isso?”, ela pergunta.

“Isso o quê?”

“Essa coisa aqui no banheiro.”

“É uma santa, um ofertório.”

“No banheiro?”

“E o que é que tem de mais? Aproveitei a banheira, que nunca usei, e construí a capelinha em cima.”

“Cara, nunca conheci ninguém tão engraçado.”

“Engraçado?”, pergunto e escoro-me no batente da porta. Fecho a porta do boxe, para não vê-la nua.

“É”, ela diz, “fosse outro, já tinha me fodido no sofá, ou me enchido de porrada, me puxado os cabelos, me apertado o bico dos peitos. Faz meia hora que estou aqui e ainda não aconteceu nada.”

“Mas vai acontecer”, eu digo.

“Se não acontecer, não tem problema, só te cobro a metade.”

Quanto mais vadia, mais generosa; um pouco mais de atenção e carinho, um pouco mais de paciência, e vai se oferecer de graça.

“Não esquece de te vestir.”

“Tu não existes.”

Todo prazer deriva da paciência, da tensão acumulada. Maura tem pressa, quer retornar à boate, fazer mais um programa. Eu penso na satisfação inigualável de Genghis Kahn, na sua emoção, ao ouvir, ainda longe, a respiração assustada dos insetos.

A prostituta sai do banheiro, enxuga os cabelos, não pára de falar.

“E este aquário sem água, pra que serve?”

“Pros meus escorpiões”, respondo, com a maior naturalidade possível.

Ela salta, literalmente, para trás.

“Ai, que horror.”

“Não são venenosos”, minto.

Maura apanha a bolsa, dirige-se à porta de saída, força a maçaneta.

“Abre aqui, quero ir embora. Tu deves ser maluco.”

“Vais sair com o cabelo assim?”, pergunto, suave, doce. “São inofensivos, continuo. Venenosos são os escorpiões negros, o *Pandinus Imperator* e o *Heterometrus Spinifer*. Os amarelos, os *Centruroides Exilicauda*, por exemplo, ou os esverdeados, os *Phaiodactylus*, sequer têm veneno no ferrão. O máximo que pode acontecer é a gente se cortar nas pinças. É melhor não mexeres aí nas pedras e na areia.”

Sento-me no sofá. Maura fica parada, indecisa. Sorri, aproxima-se do aquário.

“Eu tenho trauma de escorpiões”, diz.

Fita os vãos entre as pedras, o rosto distante do vidro.

“Já foste picada?”, indago, ansioso.

“Eu não, meu avô. Ele morreu por causa do veneno.”

Senta aqui, eu digo e bato a mão esquerda no sofá, senta aqui e me conta essa história.

“Pelo visto, hoje é a noite dos escorpiões”, ela continua, antes de sentar-se ao meu lado.

“É mesmo, o escorpião da sexta-feira saiu da toca.”

“A minha história não é como a tua, aquela que tu me contou lá na boate, a minha história aconteceu, é verdadeira”, Maura diz, com orgulho.

Encho a taça de champanhe. Ela bebe, sôfrega. Tem a respiração ainda acelerada, do susto. Torno a encher a taça. Depois, mais calma, ela prossegue.

“Meu avô morava no interior, em Manoel Viana. Um dia, esqueceu de virar a bota e se fodeu, um escorpião estava lá dentro, esperando um pé.”

Maura silencia.

“Só?”

“Essa é a história, por isso tenho trauma. Desde menina, ouvia minha mãe contar sobre o sofrimento do velho, os gritos de dor, o pé inchado, a morte lenta.”

“Tua história é só isso?”, pergunto, um tanto decepcionado.

“De escorpião, é.”

“Tens outra?”

“Não.”

“Eu tenho”, eu digo.

“Conta, conta”, ela retruca.

“É longa.”

“Não faz mal”, ela diz.

“E a tua hora?”

“Azar, só te cobro pela trepada.”

Levanto do sofá, vou até o aparelho de som, coloco outro disco.

“Queres mais champanhe?”

“Quero”, ela responde. “Não bebe nem um golinho comigo?”

“Não”, respondo.

Entro na cozinha. Ao estouro da rolha, ouço a alegre exclamação da prostituta.

“Estás feliz?”, pergunto, já de volta.

Por um instante, recompõe-se no ar, na baça luz da sala, num recanto escondido da memória, uma cena idêntica. A vida, a rigor, é um conjunto muito reduzido dos mesmos temas, das mesmas situações, dos mesmos gestos inúteis. Perceber as similaridades entre os instantes isolados pode colaborar com a ilusão de permanência. Não revivemos, mas prolongamos, ou supomos prolongar, os momentos de maior intensidade e ternura já devorados pelo tempo. Somente isso justifica que depois de termos amado nos encorajemos a amar outra vez.

“Estás feliz?”, torno a perguntar.

“Ficaria tudo muito dez se a música fosse outra. Não tem pagode?”

Troco Agnes Baltsa por Ella Fitzgerald.

“Nossa, que voz incrível”, Maura diz.

Toma-me pela mão, arrasta-me para dançar. Dou alguns passos, desisto. Desvencilho-me da mulher, retorno ao sofá. Ela continua a balançar os quadris. Percebe que eu a observo, esforça-se, tenta seduzir-me. Repete os movimentos mecânicos, estilizados, do *show*, mas o álcool deixou-a mais flexível, menos artificial. Depois que ela se afastou, na boate, fiquei a bebericar a água tônica, observava o ambiente. No centro, havia uma pista de dança, cercada por mesinhas iguais à minha. Nas galerias laterais, em sofás vermelhos, grupos de mulheres conversavam na penumbra. Loiras, ruivas, morenas, negras, de todas as raças, de todos os tamanhos, disponíveis, expostas, seminuas.

“Tu não gostas de mulher?”, Maura indaga.

Desiste de retorcer-se a minha frente.

“Claro que gosto”, respondo.

“Então, o que eu preciso fazer pra te deixar de pau duro?”, pergunta, subitamente cansada. Volta a sentar-se ao meu lado, no sofá.

“Um pouco mais de perversão”, eu digo.

“Não entendi”, ela responde e enxuga o suor da testa.

“Me deixa eu te amarrar, deixa?”

“Vamos ver. Se eu me apaixonar por ti, deixo.”

“Luísa gostava de ser amarrada, vendada, sodomizada.”

“É que ela te amava.”

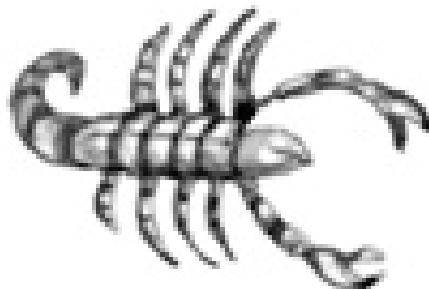
Sinto, outra vez, uma espécie de piedade, de solidariedade. De Luísa, de Maura, das outras mulheres, enterradas nas galerias subterrâneas da Cúria, de mim mesmo. Passo a mão na coxa da mulher, acaricio-lhe um dos seios. Ela encolhe-se toda, ajeita-se no sofá.

“Quem é Luísa?”

“A primeira”, eu digo. “Deita aqui.”

Ela deita, apóia a cabeça nas minhas pernas, sorri, fita-me com intensidade, curiosa, desarmada.

“Você é um homem bom”, murmura, “parece meu pai. Vai, me conta a tua história, me fala aí dessa tua Luísa, que te fez sofrer tanto.”



2

Encontrei Luísa por acaso, ou guiado por Deus, como então supus. Eu tinha vinte e três anos, era magro, terno e bom, se por ternura e bondade se há de entender um jovem indiferente aos rumores do mundo, um arquivista metódico, um funcionário paciente com as tolas exigências do arcebispo. No ano anterior, eu abandonara o seminário, mas ainda não a fé. Descobri, com meu velho confessor do Juvenato Redentorista de Passo Fundo, que não era vocacionado para o sacerdócio. “Podes servir a Deus de outras formas”, ele me dissera. Dias depois, entregava-me uma carta de recomendação, com a qual eu conseguiria um emprego na Cúria Metropolitana. O destino, ou Deus, levaram-me até Luísa. Ao final do expediente, eu costumava sair por uma porta lateral, que dava para a Rua Espírito Santo, de tal forma que não perturbasse o silêncio na Catedral, onde rezavam, concentrados, os fiéis que esperavam a missa das seis. No entanto, naquela tarde, quando eu já respirava o ar poluído da cidade, percebi que havia esquecido a carteira e retornei à secretaria, no subsolo, pela mesma porta que ainda há pouco fechara. Uma força estranha, e foi assim que vim a entender a súbita vontade de mudar de hábito, levou-me a tomar a

escada de acesso interno à nave principal. Soubesse o que lá em cima me esperava, eu teria caído de joelhos nos degraus, a implorar proteção contra a lascívia, a dissídia, a dissimulação.

No entanto, naquela tarde outonal, caminhei em direção ao meu inferno com a mesma displicência com que lançava pedaços de pão aos peixes no lago da Redenção, nos domingos à tarde. Ao abrir a porta no alto da escada, senti bater em meu rosto o ar gelado da Catedral. Aspirei o cheiro de incenso com prazer e persignei-me diante da estátua da Virgem. Tomei o cuidado de evitar o rangido das solas dos sapatos, caminhei na ponta dos pés com toda a lentidão. Ainda à distância, eu a vi, sentada próxima ao umbral de entrada, curvada sobre o próprio peito. Seus cabelos loiros, castanhos na raiz, recobriam-lhe o perfil. Súbito, ela ergueu a cabeça e me encarou. Seu rosto tenso se distendeu e pude ver-lhe os dentes brancos, brilhando num sorriso delicado. Como que por milagre, a constante sensação de apatia e de vazio, de inutilidade e de imperfeição que me perseguia, sensação que tornava os meus dias opacos e lentos, desapareceu. Senti uma extraordinária turbulência interior, a agitação de um grande cardume de traíras num tanque de águas rasas. Altiva, bela, num misto de ternura e repreensão, Luísa fitava-me. Havia tanta intensidade em seu olhar que eu compreendi, na prática, a teoria dos *eidolas*, de Epicuro e Lucrecio, senti que eu não fora apenas *visto*, mas *tocado*. Algo substancial roçara minhas córneas, penetrara-me a pele, percorrera os meus ossos. Num átimo, as tediosas aulas de filosofia no Juvenato adquiriram um novo significado. Para os pensadores pré-socráticos, a matéria tem o poder de emitir sutis emanações, a que chamaram *eidolas*. Somente por que *percebemos* tais representações das coisas e dos seres é que *vemos*. Sob a luz filtrada dos vitrais, eu *vi* a mulher que transformaria minha vida, que me arrastaria num turbilhão de desejo e paixão, e que me

desviaria, definitivamente, do destino que eu tentava traçar com a arrogância dos crentes ainda não temperados pelo fogo da tentação. Na passagem do grego para o latim, *eidola* transformou-se em *simulacra*, e ambos em *ídolo*, em nosso idioma. A palavra trai a sua dialética: se há uma essência que emana do que adoramos, é uma essência simulada, falsa. Não cheguei a deter meus passos, nem por um segundo, mas a encarei. Mesmo assim, apesar da brevidade, nossos olhos, escorpiões enlouquecidos, se entredevoraram. Soubesse eu que jamais seria capaz de me livrar das pinças invisíveis de sua pele acetinada, teria cegado os próprios olhos com a chave da secretaria que ainda carregava na mão direita. No instante em que a contemplei, misturou-se a meu espanto e admiração um ódio profundo, visceral, esmagador. Diante da beleza, somos tomados por sentimentos contraditórios e amamos, que é impossível não amar o belo, destino final de toda criação, e odiamos, porque a beleza é fugidia, perversa, enganadora. O que havia em mim, ou o que *não* havia em mim, que não fui capaz de perceber-lhe a verdadeira natureza? Ao me apaixonar transformei minhas horas de estudo e meditação em tenazes mais ardentes que o látigo do jejum.

Detive-me no pórtico, ofuscado. Era outono, o outono das folhas amareladas dos plátanos, da inclinada luz meridional, que escorre sobre as lajotas de paralelepípedos como que líquida, quase sonora. Esfreguei os olhos e senti o coração disparar. *Algo* se produzira em mim, algo que vinha sendo gestado nos labirintos da alma e que gerava abundante suor nas mãos e nas axilas, algo que intensificava minhas sensações a ponto de me fazer sentir vontade de gritar, de correr. Respirei fundo e percebi que tremia, meu corpo inteiro tremia. Era ainda uma angústia sem nome, um desejo sem direção, mas já estava ali, enrodilhado, um lacrau no escuro, pronto para o ataque fulminante. Tive, então, mais ouvidos de ouvir, mais

olhos de ver, mais dedos de tocar. Atravessei a rua e sentei-me num dos bancos sob as árvores da Praça da Matriz. Eu vivia ainda uma adolescência tardia. Enquanto outros rapazes, na mesma idade, já tinham experimentado várias paixões, eu estava a alguns dias de conhecer o sal da terra. Não era inútil e ridícula a minha tocaia? Por que não estava em meu apartamento, nos altos da Duque de Caxias, lendo *O Livro de Jó*? O que diria o arcebispo, se soubesse? Agitado, impaciente com a chegada do crepúsculo, mantinha-me atento aos portais da Matriz, por onde sairia, quarenta e seis minutos depois, eu os contei um a um, a mulher que rezava. Era ela, com certeza, a *minha* predestinada, a mãe de meus filhos, a esposa doce e compassiva. Que outro sinal eu devia esperar? Dois já me haviam sido dados: Deus a enviara à Igreja; Deus me fizera subir as escadas em direção ao Templo. Ah, eu via cores como que intensificadas, mais brilhantes, mais luminosas. Na rua, os automóveis deslocavam-se em câmera lenta. A todo instante, eu conferia o horário. Doze minutos, já estava ali, à espera, havia doze minutos. Meu olhar vagava entre a Catedral, treze, o Palácio Piratini, treze e vinte e dois, a Assembléia Legislativa, quatorze. Teria coragem de abordá-la, quinze, quando saísse do Templo? Relembrei os saraus do Juvenato. Todos os domingos, declamávamos odes, sonetos, elegias. *Chagas de amor*, de Federico García Lorca, meu poema preferido. *Esta luz, este fuego que devora./Este paisaje gris que me rodea./Este dolor por una sola idea./Esta angustia de cielo, de mundo y hora.* Vinte minutos. Continuei firme, atento às entradas e saídas no templo. *Viene el hombre ciego al mundo/Cuartiándolo la esperanza./Y a poco andar ya lo alcanza/Las desgracias a empujones;/Jué Pucha! que trae liciones/El tiempo con sus andanzas!* Um colega de internato sabia o *Martín Fierro* de cor. Um dia, para a perplexidade de todos, subiu ao palco e declamou os treze cantos de Jose Hernandez de enfiada.

Vinte e oito minutos. O que é o tempo? Uma ilusão que se engendra entre os espaços das durações? Ainda há pouco, *vi*, já não vejo. Sou entre o ver e o não-ver? Ah, a poesia, a fina, a doce ferida. O mais filosófico dos gêneros, para Aristóteles. Crítica da vida, para Pound. Como entender a ubiqüidade divina senão através dos versos de Manuel Bandeira? *Estás em tudo que penso,/Estás em quanto imagino:/Estás no horizonte imenso,/Estás no grão pequenino*. A hora soou, a hora esperada. Eis a mulher, eis a mulher, a descer os degraus da entrada. Abriu a bolsa, retirou um par de óculos, pôs-se a caminhar em direção ao Viaduto da Borges de Medeiros.

Fui atrás dela, segui-a por vários quarteirões. Súbito, na esquina do antigo Cine Capitólio, parou e perguntou-me, de chofre:

“Estás me seguindo?”

“Estou”, respondi.

Meses depois eu saberia: a sinceridade da resposta, o sorriso ingênuo, a pureza de meu olhar tinham me salvado. Ou me perdido. Estava habituada a cantadas grosseiras, a vulgaridades indescritíveis.

“E posso saber por que estás me seguindo?”

“Impulso. Te vi na igreja e senti um desejo muito grande de te conhecer.”

“Tu és coroinha?”, ela perguntou.

Rimos, os dois. E ambos sentimos que o riso compartilhado era uma espécie de aliança, o princípio de algo ainda não formado.

“Estou atrasada”, ela disse, e fitou o relógio de pulso.

“Eu também”, respondi.

Rimos de novo.

“Podemos nos ver sábado, no Café Concerto da Casa de Cultura Mario Quintana, ao final da tarde”, ela concedeu.

Dito isto, afastou-se com passos de bailarina, as solas dos pés mal tocavam o chão. Segui-a com o olhar, até onde a vista alcançou. Algo em seu modo de andar, talvez o movimento dos braços, ou da cabeça, ou as pernas longas e finas, lembravam um inseto. Assim que eu a vi desaparecer na esquina do Capitólio, dirigi-me, um tanto incrédulo, embriagado de paixão, ao Mercado Público. Soava ainda em meus ouvidos a voz aguda e harmoniosa de Luísa, sua voz infantil, de água de riacho em pedras pontiagudas. Ônibus esfumaçantes e automóveis ameaçadores rugiam nas sinaleiras, mas, na tarde em que a conheci, a zoeira infernal não me deprimiu. Senti, no borburinho da cidade, que sempre me parecera um gigantesco cemitério, uma estranha vitalidade, uma energia nova, um inusitado deslumbramento. Nem mesmo as trombadas nos outros passantes conseguiam irritar-me. Eu tinha sido *tocado* pela beleza de um ser frágil, carente, tão ou mais depressivo que eu. Ao descer a Borges, fui invadido por uma súbita saudade dos bondes que já não circulavam pela cidade, bondes que eu conhecia de fotografias antigas, mas que me eram tão próximos como se neles tivesse viajado em tempos passados. Às vezes, em sonho, eu ouvia o ruído seco de suas rodas sobre os trilhos. E acordava assustado, sentindo uma dor estranha na perna direita, um formigamento.

Circulei mais de hora pelo Mercado Público, comprei tâmaras, damascos e pistache. Encontrei um *Undurraga* tinto, Sauvignon, do Vale de Maipo. Eu gostava de suas garrafas bojudas, pequenas. Um dia, prometia a mim mesmo, iria conhecer o Chile, os vinhedos e as cordilheiras, as três casas de Pablo Neruda, o deserto de Atacama e o Norte Grande. Mais tarde, no Pacífico, jantei. Abrótea assada na chapa, arroz, salada de batatas. Tomei dois chopes.

* * *

Como um leão enjaulado, incapaz de romper as grossas barras que o separam da ravina, esperei no bar deserto. Arrepentia-me de não ter trazido um livro com que passar o tempo. Ler, para mim, era uma espécie de suspensão temporal. Mergulhado na leitura, minha vida como que se detinha. Nesse casulo, ou útero, a angústia cessava. Eu deixava de ser medíocre, mesquinho e ignorante. Um livro, tudo que eu precisava era de um livro, para não estar sozinho comigo mesmo. Um livro, para que o passar do tempo não fosse uma tortura. Luísa, cruel, com a insensibilidade das mulheres vaidosas, não definira um horário. Ao final da tarde, ela dissera, com displicência imperdoável. Eu devia ter tomado uma postura mais imperativa, mais enérgica, concluía com crescente irritação, eu devia ter determinado a hora. Evitaria o constrangimento de estar a levantar-me, a ir novamente ao banheiro, a deter-me mais uma vez diante da exposição de fotografias do corredor, a tornar a sentar-me, a dobrar e a desdobrar a ponta da toalha de mesa, a contar e a recontar o número de cadeiras do bar, as garrafas de vinho nas estantes, os cálices dependurados na cristaleira. Numa relação afetiva, há que se ter uma certa rudeza, para não se ficar refém de caprichos tolos. Sempre fui perfeccionista, obsessivo. Meus livros estão rigorosamente ordenados nas estantes. Na Cúria, mantenho a mesa de trabalho limpa, as gavetas organizadas. Cumpro, com rigor espartano, os horários das refeições e dos compromissos. Como não percebi, naquele primeiro encontro, que a displicência de Luísa com o *meu* tempo traía a volubilidade de *seu* caráter? A paixão torna-nos desatentos e grosseiramente confiantes.

Mudei a posição da cadeira, de tal forma que pudesse ver o rio Guaíba por uma nesga de espaço entre os prédios da Avenida Mauá e das ruas adjacentes, prédios decrepitos e enegrecidos pela

fuligem. A primeira coisa que observei ao me mudar para Porto Alegre é que ela é uma cidade de costas para o rio. Eu devia ter convidado Luísa para visitar a Usina do Gasômetro, de onde se podem ver as ilhas, o pôr-do-sol em todo o seu esplendor. Se houvesse um segundo encontro, iria levá-la a visitar o Museu do Vinho, alguma exposição idiota, que os artistas modernos só fazem coisas ridículas, colam panos em telas, montam o que chamam de *instalações* com catálogos telefônicos, gatos mortos e bacias de água. E o *ostinato rigore*? E o *tour-de-force*?

Não consegui fitar o lago por muito tempo, apesar do magnífico entardecer que começava a se desenhar no horizonte. Eu esperava que, a qualquer instante, Luísa entrasse, enfim, no Café. Para Santo Agostinho, que o nosso arcebispo tanto admira, quatro são as paixões fundamentais: o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. Estela Canto, escritora argentina, dezesseis séculos depois, escreveu que bastam três sentimentos para se ingressar no inferno: o ciúme, o medo e a vergonha. Desde os meus primeiros encontros com Luísa, ainda no Café Concerto, e depois, nos dois ou três que se seguiram antes que a convidasse a visitar o meu apartamento, alternei as paixões fundamentais: o desejo enlouquecedor, que nenhum sofrimento físico conseguia aplacar, a alegria rara e profunda, a estupefação dos apaixonados, o medo constante e básico, que me perseguia no trabalho, no estudo, no lazer e no sono, e a tristeza arrasadora e crescente, a sensação de absoluta impotência, a descoberta de que o amor, por mais que queira, por mais que sofra, por mais que espere e por mais que suporte, nada é. O ciúme e a vergonha foram as portas de entrada para o inferno.

Não vem mais, concluí. O sol já declinara sobre as ilhas, o Café enchia-se agora de uma clientela agitada e nervosa. A angústia da espera e a raiva da desilusão, a sensação incômoda de ter sido enganado, de ter perdido um tempo precioso, quase me sufocavam.

Um casal de namorados, mal-educados, agressivos, beijava-se escandalosamente, como se estivessem sozinhos no mundo. Senti ímpetos de fazê-los parar. Uma grande depressão, a certeza de que havia perdido a paz de espírito, serenado arduamente com martírios, orações e leituras, tomava conta de mim. Previa, já, o desespero da procura minuciosa a que teria de me lançar. Nunca mais sair, com lentidão e paz, ao final do expediente, pela Rua Espírito Santo, deleitando-me com a quentura da tarde, esquecendo o olhar num frontão antigo, numa escadaria castigada, numa janela de ferro fundido. Eu deixaria a mesa de trabalho com o coração descontrolado, subiria os degraus da escada interna a correr, caminharia depois pela nave central lentamente, a examinar cada fiel persignado, a buscar o rosto de Luísa com ar de tolo. Elaborei ali mesmo, no Café Concerto, um plano de ação: entraria nas lojas, bares, lancherias, armazéns, confeitarias e livrarias dos arredores da Cúria; esperaria em cada entrada de edifício da Duque de Caxias, nas saídas dos cinemas e nas esquinas da Borges; a cada semana, ampliaria este espaço de pesquisa, com o mesmo rigor e método que utilizava na busca de documentos; afastar-me-ia do centro, chegaria aos bairros, vasculharia *shoppings*, tomaria ônibus para as localidades mais próximas, Viamão, Cachoeirinha, Guaíba. E se nunca mais a reencontrasse? Esta cidade é infinita, intrincada, devoradora. “Never more”, murmurei. Os dois namorados, exatos, sincronizados, com a obstinação do corvo de Edgar Allan Poe, levantaram as cabeças, fitaram-me, sorriram. Fitei-os eu, sorri também, e continuei: “Merely this and nothing more.” E então, um olho na barcaça lenta sobre o Guaíba e o outro no rio nebuloso do futuro, senti a fisgada, a falta de ar, a fraqueza nas pernas: no trem, a caminho de São Leopoldo, num sábado à tarde de intenso calor, eu reencontraria Luísa. Antes de me precipitar em sua direção, ofegante, pasmo, iluminado pela luz de seu olhar,

perceberia o homem grisalho a seu lado. “Teu pai?”, eu balbuciaría, a medo. “Meu marido”, ela responderia, “meu marido”. O delírio se desfez, retornei à realidade. O casal continuava atracado, como dois carangonços em combate. A luz e o calor cediam, outra embarcação entrava no cais, precedida de um apito estridente, melancólico. Ah, todo porto é uma saudade de pedra. Ah, o mistério alegre e triste de quem chega e parte, recitei, mentalmente, os grandes versos de Fernando Pessoa. Seria casada? Tentei reconstruir as imagens do primeiro encontro. Usava aliança? Na esquerda ou na direita? Dava-me conta, ali, de que eu registrara apenas os olhos, a testa, o queixo de Luísa. Fitara-lhe o corpo? Sim, eu concluía, durante todo o percurso que a perseguira. Podia rever seus braços, longos, finos, a balançar ao compasso das pernas, como que abandonados pelo restante do corpo, como que reticentes em acompanhar o avanço do tórax. Reconstruí o instante em que atravesssei a nave e me aproximei dela, no templo. Não estava ajoelhada, eu tinha certeza. A cabeça pendia para a frente, o cabelo tapava-lhe a face. E as mãos? Eu não vira as suas mãos. Repousavam sobre as pernas?

Saí da abóbada e sentei-me no bar, próximo ao balcão, de frente para o corredor. Pedi uma garrafa de vinho tinto, apesar do calor. Antes de viver com Luísa, eu não era abstêmio, nem gostava de jazz. Jorginho do Trompete, um negro sorridente, simpático e virtuose, iniciava o show com “Around Midnight”, sob os aplausos da escassa clientela. Depois, tocou “Georgia in Mind” e outros clássicos. Quase às nove, Luísa apareceu. Vestia saia preta, curta e apertada, e blusa vermelha. Deteve-se para olhar a exposição de fotos, o que me deu tempo para controlar o nervosismo. Enxuguei as mãos e a testa no guardanapo, fiz respiração abdominal. “Quando a reencontrares, faça um ar *blasé*”, tinha me dito um amigo, com quem conversei no Pacífico, no dia mesmo em que a

conhecera. “Como, ar *blasé*?”, perguntei-lhe. “Faz de conta que não queres nada com a criatura, que ela não passa de um rosto a mais na tua extensa lista. Mulher precisa concorrer com outras mulheres. Exclusivas, se tornam arrogantes, mesquinhas e frias. Ah, e tome cuidado com as bonitas: elas não precisam de homem, já têm o espelho.”

“Oi”, ela disse e me deu dois beijos no rosto.

Uma nuvem de perfume requintado penetrou-me as narinas. Chanel nº 5, com certeza. Luísa tinha fixação pela França, queria morar em Paris. “O Moulin Rouge”, suspiraria, um copo de uísque na mão, sentada no sofá da sala, nos altos da Duque de Caxias, semanas mais tarde.

“Boa noite”, exclamei, acentuando as palavras, para que ela percebesse a minha irritação.

“Faz tempo que chegaste?”, murmurou, como que tímida, levemente culpada.

“Estou te esperando há mais de três horas.”

“Ah... me desculpa, vai? Sou muito descuidada.”

“Não tem problema”, eu disse, encantado com o sorriso, emocionado com a voz de Luísa. Havia algo na modulação, no timbre, no modo como articulava as palavras que me comovia, quase me levava às lágrimas.

“Além disso, não marcamos uma hora certa.”

“Não sou trem alemão”, ela retrucou, ríspida.

Ri, mas não deixei de perceber a súbita mudança de humor, a tensão que se apossou dos músculos de seu rosto e a grosseira alteração na sua voz.

“Desculpe.”

“Odeio controles.”

“Seria melhor viver sem horários, sem compromissos”, eu disse.

“Eu vivo”, ela continuou.

Ficamos quietos, ouvindo "I remember Clifford". Fitei-a, estava ausente, contrariada. Sem tato algum, como se tivesse escolhido, de propósito, o pior instante para retomar a conversa, perguntei-lhe:

"O que foi?"

Jamais consegui esquecer o longo, demorado, quase grotesco olhar de desprezo que me lançou.

"O que foi?", repeti, perturbado.

"Nada", ela respondeu muito tempo depois.

Seus olhos, que por um instante haviam adquirido uma ternura suave, readquiriram o tom glacial, indiferente.

Naquela noite, exagerei no ar *blasé*, para me vingar da indiferença, do olhar vago e saltitante de Luísa.

"Os homens", ela disse, entediada, "são todos iguais. Eu queria um que tivesse levado porrada, que não fosse campeão em tudo, que confessasse não um pecado, mas uma infâmia, que contasse, não uma violência, mas uma covardia."

Eu sabia que aquilo era uma citação, fragmentos de um poema de um dos heterônimos de Pessoa. Luísa tentava parecer o que não era.

"É lindo isso", comentei, disposto a dialogar com ela através do poeta português, mas ela não respondeu, apanhou mais um cigarro, acendeu o isqueiro e deu uma tragada funda, de olhos fechados. Então, com a coragem necessária ao papel de conquistador que eu tinha assumido, inclinei-me, segurei seu rosto com as duas mãos e a beijei. Para meu espanto, ela correspondeu, enfiou a língua dentro da minha boca. Suguei-a com fúria, até que ela se desvencilhou.

"Nossa", ela disse.

"Perdão", murmurei.

Antes que eu falasse qualquer outra coisa, Luísa estendeu o braço por sobre a mesa e tocou meus lábios com a ponta dos dedos.

“Não diga nada, não se preocupe em entender, viver ultrapassa todo entendimento.”

Com o tempo, eu aprenderia a separar as coisas, a compreender que Luísa coroava os melhores momentos de sua vida com frases retiradas dos livros que lia. Às vezes, parecia-se com um personagem de Clarice Lispector: dura, heróica, distante. Outras, era Luísa ela-mesma, ardilosa e irônica. Frágil, jamais. Ou me enfrentava com arrogância, inflexível e fria, ou com desdém, escolhendo com precisão cirúrgica o ponto mais dolorido de minha alma onde encavar o ferrão. Desconfio que as coisas que me contou a seu próprio respeito tenham sido inventadas. Ela sabia do exagerado valor que sempre dei às palavras. Palavra é feito bala, disparada, abre buraco, estraçalha. Depois de arremessada, não adianta ir atrás, não há mais conserto, não há mais inocência. Resta o remendo, a cicatriz, a cobrança infinita. Luísa foi, realmente, o que me contou?

“Viver ultrapassa todo entendimento”, repeti.

Concentrei o olhar no cálice de vinho, envergonhado, mas sem beber, para não perder o gosto amargo que ainda circulava em minha boca, o gosto amargo da língua de Luísa, língua tismada pela nicotina, língua cavilosa como a cauda de meus escorpiões. Enfim, levantei o copo e bebi um grande gole. O vinho, em mim, é preciso confessar, operava em fases. Na primeira, deixava-me levemente eufórico, palrador, como se o álcool ativasse as minhas percepções e o universo me chegasse mais intenso, mais brilhante. Na segunda, a euforia cedia espaço a uma melancolia suave, difusa. Continha-me, então, para não chorar. E o que me comovia eram coisas insignificantes, um acorde de violão, o sorriso de uma

criança, o vôo nervoso de um colibri. Sempre, e nessa noite não seria diferente, eu precisava parar de beber no estágio depressivo, porque sabia que o terceiro trazia a violência, latente e surda, de um escorpião agitado.

Senti o lamento surdo dos espasmos do trompete e uma dor difusa, subterrânea, dominou-me o espírito.

“O que foi?”, indagou Luísa, a rir.

“Nada”, eu disse e percebi que não devia beber outro cálice de vinho. Pedi água mineral.

“Não gosto disso”, ela retrucou, contrariada.

“De quê?”, indaguei, meio aéreo, já sob o jugo da melancolia. “Reflete, reflete sempre, sobre a origem das palavras”, dizia-me padre Roque, meu confessor, nos longos domingos do internato, em Passo Fundo. “Em seu núcleo, as palavras contêm verdades profundas.” O velho religioso alemão dedicava-se à filologia e à homeopatia. Legou-me o amor às duas. Não conseguiu, no entanto, inculcar-me sua outra paixão, a dos telescópios e das estrelas. Prefiro dedicar-me à observação do mundo cá de baixo, especialmente o dos pequenos animais, roedores e insetos. Como a tintura na água pura, a melancolia escurece a alma, tolda o espírito. Eu parecia ouvir a voz grave e cadenciada do mestre: “Observa, são dois núcleos, *melanós* e *chole*, *melagcholía*. O primeiro núcleo, *melanós*, significa negro, funesto, triste, sombrio. O segundo, *chole*, é fel, biliar, veneno. Melancolia é, pois, um movimento espiritual de envenenamento interior. O Mal, com seu poder sutil, vai inoculando no ser o fel da tristeza, o veneno negro dos pensamentos funestos.”

“Não gosto disso”, ela retrucou.

“De quê?”, indaguei.

“Prefiro que respondam às minhas perguntas”, disse Luísa, rude.

Não sei se por efeito do álcool, da beleza da música, da paixão que eu começava a sentir, mas tive medo. Não de Luísa, nem de

sua agressividade, ou do amor, mas da minha própria *melagcholia*. E o medo, eu sabia de Spinoza, é a mais triste das paixões tristes, caminho de toda servidão.

“Desculpe”, tartamudeei.

“Tolinho”, ela disse, suave e doce outra vez, e roçou a minha face com a mão espalmada. Havia tal ternura em seu gesto, nele tão inesperada delicadeza, que duas vastas, pesadas e suficientes lágrimas despencaram-me dos olhos.

“Tu não existes”, Luísa sentenciou, generosa, sem expressar o que sentia, de fato, diante das minhas lágrimas. Há mulheres que se comovem com a fraqueza dos homens. Outras há que não toleram a nossa debilidade. Ela era destas.

Não, eu não tinha *existido*, até conhecê-la.

“Vamos embora”, ouvi-a dizer.

Luísa não quis usar o elevador, arrastou-me para as escadas. Desceu à frente, saltitante, eufórica. Entre o quarto e o terceiro andar, quase no escuro, deteve-se.

“Me fode”, ela exclamou, atraindo-me para junto de si.

Tive medo de Luísa, medo de seus beijos, medo de seus abraços, de seu corpo quente, suplicante, medo de seu desejo.

“Isso aí é um espanador?”, ela perguntou ferina e vulgar, tocando-me o pênis flácido sob a calça. Tenho o sangue espesso, o sangue lento dos seres melancólicos. “Cuidado”, alertava-me o confessor, “o caráter de *Natrum Muriaticum* tem prazer em ser magoado. Evite incentivar o sadismo alheio.”

“Não quero”, tentei explicar, mas Luísa empurrou-me com violência.

“É melhor tu te afastares de mim”, ela gritou e desceu a escadaria.

Sentei-me num dos degraus, abracei as pernas contra o peito, senti o frio da parede às minhas costas. Ouvi a porta do elevador

abrir-se, no terceiro andar, e suspirei aliviado. Luísa partira. Eu era um *Nebo Hierichonticus*, um belo escorpião negro, lento, muito lento, e de patas avermelhadas, escondido na escuridão.

* * *

Horas depois, no ar quente e abafado de meu quarto, como que pairando no espaço, eu sentia a presença de Luísa. Na boca, tinha ainda na boca o áspero sabor de sua língua. Tentava, é justo dizer, acalmar meu próprio espírito, aquietar-me, adormecer. Refiz o balanço de meus atos diários, como sempre fazia, sopesei as palavras ditas, reconheci as más intenções sob os pensamentos mais corriqueiros. O que antes era um exercício prazeroso e tranqüilo, o exame de consciência, que eu aprendera no seminário, tornara-se-me um suplício, minha mente divagava, insistia em circular em torno dos olhos de Luísa, do queixo de Luísa, da boca de Luísa.

Levantei-me, apanhei o látigo na gaveta da cômoda, ajoelhei-me ao pé da cama e castiguei meu próprio corpo, inutilmente. Cansado, abandonei o flagelo. A dor física não só não conseguiu domar o desejo como o tornou mais intenso e arrebatador. Para desviar a pulsão erótica, recompus, mentalmente, a tela de Rogier van der Weyden, *A Virgem e o Menino no Nicho*. Dentre as pinturas de Nossa Senhora que eu conhecia, telas que tinha aprendido a amar no Juvenato, essa era a que mais me tocava. Pela forma alongada de seu tronco, pela curiosidade do Menino em folhear o livro que ela segura no regaço, pelo fundo escuro que projeta as figuras para a frente, pela simplicidade da arquitetura que enquadra o conjunto. Súbito, compreendi que minha alma estava perdida: a face terna e amorosa da Virgem Maria havia se transformado no rosto inquieto e mundano de Luísa, e o corpo, o corpo sagrado e

protegido pelo vestido vermelho, estava agora despido e contorcia-se lubricamente. Eu sabia que o aracnídeo mais peçonhento não é tão perigoso quanto a mente descontrolada. Rezei, na tentativa de readquirir o antigo controle sobre mim mesmo, mas as minhas palavras, pela primeira vez em tantos anos, bateram no teto, perderam-se na noite vazia. Eu estava só. Ainda mais e miseravelmente só que na primeira noite na Casa Paroquial, depois de ter sido entregue por minha mãe à Igreja. Sim, eu estava só. Eu e meus escorpiões, os maravilhosos seres das sombras, do inferno e das trevas interiores, que me haviam auxiliado a suportar a humilhação, o abandono e a solidão do internato. Estudando-os nas horas de folga em velhas enciclopédias da biblioteca do seminário, minorava a saudade de Pau-d'Arco; criando-os em caixas de sapato, afastava a ameaça dos meninos mais velhos. O confessor, o bondoso padre Roque, jamais soube que eu era tido por feiticeiro entre os colegas. Eles sabiam que os escorpiões que eu carregava na palma da mão, que subiam pelos meus braços desnudos, que eu sustentava sobre a língua, eram rápidos e mortais. Assim, o menino franzino e tímido que fui consegui ser admirado e respeitado. Hoje, quando chamo por Gengis Khan, meu escorpião preferido abandona o esconderijo nas pedras do aquário e retesa a cauda, em saudação. Bato duas vezes no vidro e o aracnídeo recolhe-se a sua solidão devoniana. Satisfeito, manifesto a minha gratidão jogando-lhe dentro do aquário uma barata. Viva, para não roubar-lhe o prazer da caçada.

Minha respiração estava ofegante, mas não era do calor. A irradiação do corpo de Luísa, suspenso no ar, espectro que a concentração de minha mente trazia para junto de mim, atormentava-me. Enfim, desisti de lutar contra o desejo. Fechei os olhos, acariciei meu pênis enrijecido e, com movimentos suaves, de

tal forma que o prepúcio cobrisse e recobrisse a glânde, masturbei-me. Depois da ejaculação, longa e abundante, consegui adormecer.

* * *

Ao final da tarde do terceiro dia, quando já me conformava com a idéia de jamais tornar a vê-la, Luísa surgiu, como que por encanto, na secretaria. Vestia uma pequena blusa branca, que deixava sua barriga de fora, uma calça de brim desbotada e botas de salto alto. Ao pescoço, trazia uma gargantilha de veludo negro, tinha os lábios pintados de vermelho. Percebi um brilho intenso nos seus grandes olhos verdes, e uma estranha fixidez.

“Ainda estás muito brabo comigo?”, perguntou.

“Imagina”, eu disse, envergonhado com a desordem dos processos sobre a mesa. O arcebispo solicitara uma certidão de nascimento de um político local, desaparecida havia anos. O arquivista que me antecederara, no dia em que me passou o cargo, avisara: “De vez em quando, o *velho* mete na cabeça que o Getúlio Vargas foi batizado na Cúria. Não há cristão que o demova da asneira. É melhor fazeres de conta que procuras, de fato, a certidão que ele te pedir. Um ou dois dias depois, inventará outra bobagem e esquecerá o pedido anterior.”

“Que lindo isso aqui”, exclamou Luísa, entusiasmada. “Observa, Antônio”, dizia meu confessor, “se a palavra *entusiasmo* não é a exata expressão de seu significado mais profundo? O que é, verdadeiramente, uma pessoa *entusiasmada*? Vê o arrebatamento, a paixão, a veemência de que o ser fica *tomado*, o ricto labial, o esgazeo dos olhos, a movimentação frenética e involuntária de seus membros. Tudo, nele, no entusiasmado, é transporte, êxtase, enlevo. Aproxima-te, agora, da palavra, da sua história, da sua origem. *En thou sias mos*. Literalmente, estou com um deus dentro

de mim. A língua grega, menino, a língua grega, e somente ela, como dizia o filósofo Heidegger, é *logos*.”

“Meu Deus”, exclamava Luísa, “que lugar mais lindo”, e girava, entusiasmada, pela sala escura e úmida, que eu e o estagiário Ricardo chamávamos de *caverna*. Construída sob a catedral, sobre o antigo cemitério, mais parecia uma catacumba.

“Tu achas?”, indaguei, surpreso.

“Gosto de ambientes decadentes”, respondeu.

Não será uma grosseira simplificação supor que o Mal tenha preferência por lugares abafados, sombrios e obscuros? Se Lúcifer era a estrela brilhante, não teria saudade da luz, da amplidão?

“Prefiro os espaços mais arejados e iluminados”, eu disse.

“Somos diferentes”, ela continuou, e percebi uma quebra de ânimo em sua voz, como que uma decepção quase imperceptível, e, no entanto, profunda, definitiva.

“Os opostos se atraem”, brinquei.

“Na teoria”, ela disse, “na teoria. Na vida, o que conta são as afinidades.”

Confuso, deixei a escrivadinha, busquei-lhe uma cadeira.

“Quanta gentileza”, ela disse.

Não consegui saber se havia ironia ou sinceridade na sua afirmação, porque não lhe pude ver o rosto.

“Vai demorar muito pra terminar o teu expediente?”, quis saber.

“Meia hora”, eu disse, e recomecei a busca da certidão.

“Ah, larga isso e vamos embora”, como que sussurrou.

Nunca, em dois anos de trabalho, eu fora relapso, atrasara ou saíra mais cedo. Ao contrário, invariavelmente, era o primeiro a chegar e o último a deixar a secretaria. Tinha assumido de tal forma o emprego que ele se transformara numa espécie de prolongamento da minha casa. Meus dias eram tão regulares quanto as caixas-arquivo que eu organizava nas estantes de metal.

Do apartamento para a Cúria, da Cúria para o apartamento. Não freqüentava bares, nem boates. Minha vida social resumia-se às missas de domingo e às eventuais idas ao cinema. De três em três meses, subia a Pau-d'Arco, para visitar minha mãe e alguns de meus sete irmãos e irmãs.

"Vamos", eu disse, aceitando a primeira transgressão.

Antes de sair, avisei o estagiário, na sala contígua.

"Algum problema?", perguntou Ricardo.

"Não", eu disse e tratei de fechar rapidamente a porta, antes que ele descobrisse o motivo da minha saída antecipada.

A luz do sol sobre a blusa branca, o rosto de Luísa na sombra, o recorte da cabeça contra a porta aberta, o perfil de seu corpo delgado, produziram um estranho efeito óptico: sua imagem tremeluzia, circundada por um halo colorido. Naquele instante, invadiu-me a certeza de que eu já a vira, exatamente assim, aureolada, suspensa no ar. Onde? Vasculhei a memória, inutilmente. Luísa permanecia imóvel, a minha espera. Eu quis mover-me, não consegui. Às vezes, atacava-me um estupor alucinatório e eu me quedava ensimesmado e imóvel durante horas, a contemplar o nada. A rigor, eu concentrava o olhar num ponto fixo, a buscar apoio. Perder aquele fragmento de realidade, pedra, gato, árvore, criança, cálice, poderia lançar-me no abismo.

"O que foi?", ela perguntou.

Um clarão na consciência, uma dor fina e penetrante sobre o cílio do olho esquerdo, e a iluminação. A ilustração medieval, no internato. A ilustração medieval que representava o anjo mais belo, antes da queda. Era como se Luísa tivesse servido de modelo para o pintor. Ali estavam, transmutados em carne, os traços da pintura, o ar lânguido e levemente entediado, os olhos doces e crispados, ávidos de ascensão e plenitude, o nariz delicado e arrogante, o

queixo pequeno e o rosto arredondado. Um arrepio percorreu meu corpo, dos pés à raiz dos cabelos.

“O que foi?”, ela repetiu, num tom mais alto.

Quando Luísa se moveu, deslocando-se para a esquerda, evitando o sol, a ilusão se desfez.

“Um mal-estar”, expliquei. “Tenho pressão baixa”, menti.

“Queres deixar para outro dia?”

“Não”, eu disse.

Subimos a Espírito Santo, atravessamos a Duque, a praça, entramos na Riachuelo.

“Que tal irmos ao cinema?”, ela propôs, diante da Biblioteca Pública.

“Será que há, mesmo, um conjunto de túneis ligando o Palácio, a Cúria e a Biblioteca, como dizem?”, perguntei.

“Acho que é fantasia”, ela disse.

“Será?”

“São mitos urbanos, cada cidade tem o seu.”

* * *

Filmes no Guion Center, passeios pelo Parque da Redenção, sorvetes no Bom Fim, caminhadas pela orla do Guaíba, ao entardecer. Quão mais sutis os liames da teia, mais resistentes. O amor preconizado por Diotima, no *Banquete*, o das partes que se encontram, tem necessidade dessas pequenas conexões, desses súbitos reconhecimentos.

“Nossa, tu também gostas de morango com creme?”

“Adoro.”

“E de vagens?”

“Amo vagens à vinagrete.”

Um dia, depois de muitos rodeios, eu temia ser mal-entendido, convidei-a para conhecer meu apartamento. "Odeio galinha frita", ela disse, rindo. Cozinhar produzia em meu espírito uma grande tranqüilidade. Nestas ocasiões, eu abria uma garrafa de vinho tinto, punha uma sinfonia a tocar e sentia-me invadido por uma espécie de epifania, como se meu ser se abrisse para os odores, os chiados, os sabores do mundo. Mesmo antes de namorar Luísa, passava horas metido entre as panelas a inventar pratos, a testar temperos. De vez em quando, passava na Banca 35, no Mercado Público, e comprava especiarias exóticas, temperos de países distantes. Naquela noite, eu tentava impressioná-la, preparei codornizes ao molho pardo à grega e uma salada mista, grande e generosa, com legumes picados em cubos e temperos com vinagre balsâmico e azeite de oliva cru.

"Adoro cogumelos fritos", ela disse, ao entrar.

Estes pequenos *vasos de cozinha*, como os chamavam os romanos, os *cucumellus*, são plantas criptógamas, parasitas, afrodisíacas, deliciosas. Os *agaricus campestris* estavam no ponto, refogando na manteiga.

"Já te mostro a casa", eu disse, e tirei a tigela do fogo. Servi duas porções, em pratos de sobremesa.

"Que delícia", ela exclamou, depois da prova que lhe estendi na ponta do garfo.

Terminei de colocar a mesa. Luísa examinou os livros e os discos.

"Posso?", perguntou, com um Pink Floyd na mão.

"É claro", respondi, satisfeito com sua educação. Detesto as pessoas que mexem nas minhas coisas sem permissão.

"Tens um gosto eclético", comentou.

"É verdade. Penso que é bom a gente ter em casa todos os tipos de música, para as variações da alma."

“Tu não existes”, ela disse e sorriu.

Olhei-a com mais vagar, a mesa já estava posta. Nesta noite, ela trajava um longo e acetinado vestido azul, cuja textura convidava ao toque. A garrafa de vinho aberta respirava a temperatura ambiente. Servi dois copos de Château Neuf du Pape, que eu reservara, por muito tempo, para uma ocasião especial. E aquela, eu pressentia, era uma ocasião especial. Nós, os que algum dia experimentaram a miséria dos internatos e o estreitamento vital da fé, precisamos coroar o prazer com celebração, como se não fôssemos dignos da alegria aleatória do corpo.

“Estás feliz?”, eu perguntei.

Percebi *melanós* e *chole*, o veneno sombrio, o fel funesto no rosto de Luísa. Vi, a deformar-lhe o semblante, uma irradiação incessante de tristeza, como o calor sobre o asfalto em dias de sol intenso. A chuva sobre o mar, nos entardeceres do inverno meridional, talvez se aproximasse do clima de desolação desenhado em sua face.

“Não, não estou feliz”, ela disse.

Luísa alternava estados de euforia e depressão com a rapidez dos ataques dos escorpiões. E por mais que eu tentasse, por mais que eu me inclinasse sobre o abismo, tudo era inútil. Era inútil tentar arrancá-la do pântano, e era perigoso. Meu amor, ao invés de ajudá-la, mais a prostrava, mais a deprimia. Não me restava outra alternativa a não ser abandoná-la à própria dor, esperando que não resolvesse, no meio da crise, livrar-se, pela morte, do sofrimento. No fim, eu próprio a libertei.

“Bebes?”, perguntei.

“Vinho brasileiro, nem pensar.”

“Conheço um professor de literatura que não gosta de nada do que seja brasileiro. Nem vinho, nem cinema, nem música.”

“Deve ser um homem muito interessante. Me apresenta?”, ela disse.

“É um velho”, retruquei com desprezo.

“Quantos anos?”, ela perguntou, continuando a tortura.

“Uns sessenta”, eu disse, entre dentes.

“Namorei um cara de sessenta e três e posso te dizer uma coisa, ganhava de muito garotão. Os jovens são apressados demais, e imaturos.”

“Bebo esse vinho francês todos os dias”, menti.

O Château tinha custado uma pequena fortuna. Luísa apanhou a garrafa, leu o rótulo sem surpresa. Estava acostumada a luxos maiores, a vinhos mais caros?

“Razoável”, disse, depois de um longo tempo de degustação. “Tens bom gosto e a Igreja paga bem.”

“Sorte”, eu expliquei, e era verdade. “Acertei na Loteria Federal. Não peguei o bilhete inteiro, mas ganhei o suficiente para comprar este apartamento e me livrar do aluguel. Assim, sobra um pouco para os prazeres da carne”, brinquei. E era verdade, novamente. Eu gastava meu salário com perfumes, iguarias, roupas de grife. Às vezes, sentia-me culpado, minha família vivia em apuros, em Pau-d’Arco.

“Tens pacto?”, ela perguntou.

“Pacto?”

“Com o diabo”, continuou.

“Claro que não”, eu disse.

“Eu tenho.”

Eu tive os olhos, eu tive a boca, eu tive o corpo de Luísa, mas não tive a sua alma, que já pertencia a outro.

“Eu te ensino”, ouvi-a dizer, como que através de um tapume.

“Eu te ensino”, repetiu diante de meu silêncio.

“Eu sei”, eu disse, enfim.

Seus olhos brilharam, expectantes, meio incrédulos, irônicos.

“Sabes?”, exclamou.

“Sei, mas não gosto de brincar com essas coisas. Vamos comer, a comida está esfriando.”

À mesa, observei os movimentos de Luísa. Destrinchou a codorniz com paciência reprimida, com gestos quase abruptos, separando, com garfo e faca, a carne dos ossos.

“Por que não usas as mãos?”, perguntei, dando-lhe o exemplo.

“Não gosto de lambuzar os dedos”, retrucou.

Vi, no seu olhar fixo, um lampejo de repugnância, que tratei de ignorar. O tempero estava perfeito, a consistência da carne ideal, e havia em mim uma alegria saudável e crescente, que me protegia de meu próprio excesso de sensibilidade. Se ela não gostava do modo como eu me portava à mesa, que se danasse.

Depois do jantar, Luísa ajudou-me a lavar a louça.

“Tu fazes tudo sozinho?”, ela perguntou.

“Claro.”

“Cozinhar, lavar, passar?”

“Aprendi a me virar.”

“Eu te quero”, ela disse, e me puxou para junto de si.

“Ainda não”, respondi e terminei de colocar os pratos e os talheres nas prateleiras. Minhas estantes de cozinha são abertas, de tal modo que eu possa ver os copos limpos, reluzentes e alinhados, os pratos rasos separados dos pratos fundos, os potes, as jarras e as travessas nos seus respectivos lugares. Enxuguei as mãos. Luísa tinha se afastado, irritada. Da cozinha, eu podia vê-la sentada no sofá, lendo. Aproximei-me. Tinha apanhado, na biblioteca, *L’Homme Criminel*, de César Lombroso.

“Sabes francês?”, eu perguntei, curioso.

“Um pouco”, ela respondeu, “fiz dois anos de Aliança”.

Apanhei outro livro na estante. "Leia esse aqui", eu disse, e estendi-lhe um Camus, *La chute*. Seus olhos, seu corpo, sua voz, tudo adquiriu brilho e movimento. Saltou de onde estava, jogou-se nos meus braços.

"Eu te adoro", exclamou. "Camus é o meu escritor preferido."

* * *

Para Camus, que Luísa lia com devoção exagerada, o suicídio é o único problema filosófico sério. O resto, são jogos. Suicidar-se ou não, eis a verdadeira questão.

"Às vezes", ela disse depois, na banheira, quase coberta de espuma, "tenho vontade de acabar com tudo."

"Por quê?", eu indaguei, tratando de imprimir à voz toda a ternura, todo o amor, toda a paixão de que era capaz, como se pretendesse, com isso, dizer-lhe que o que tinha acontecido ainda há pouco, nossa primeira vez, era razão suficiente para que quisesse viver, e muito.

Olhou-me com seus grandes olhos verdes como que incrédula, perplexa diante de tanta ignorância e insensibilidade.

"Tu não percebes?"

"O quê?"

"O vazio, o absurdo", ela disse, desanimada.

O hábito da autoflagelação tinha me tornado resistente à dor física, mas não ao sofrimento psicológico. Naquela noite, não fui capaz de me conter. O melancólico é um oculto, e se exagera, às vezes, na alegria é para manter a tristeza afastada por alguns momentos. Desde o instante, na sala, em que Luísa me beijara, até o demorado banho de banheira, eu tinha conhecido a felicidade. Por que não sentia, ela, o mesmo que eu sentia? Se eu estava tomado, possesso, pleno da mais extraordinária exaltação, por que Luísa

não conseguia participar dessa emoção? Que vazio, se o que eu sentia era plenitude? Que absurdo, se o que eu via era significação em tudo? Chorei sem soluçar, e em silêncio, para que ela não percebesse mais esta fraqueza. Retirei da água as mãos em concha, molhei o rosto, disfarcei as lágrimas.

“Quando acordo, é como se ressuscitasse”, ela continuou.

Para não sofrer, eu não queria mais ouvir as suas palavras duras, refugiei-me nas horas anteriores, quando saltara do sofá, envolvendo-me em seus braços, toda alegria, toda meiguice, toda afeição. Súbito, e lépida, repelira-me, depois de longo beijo.

“Vamos dançar”, disse e livrou-se dos sapatos de salto alto. Abriu a bolsa e retirou um cd, que eu ouviria infinitas vezes nas semanas seguintes. Luísa tentou conduzir-me, dirigir meus passos, mas fracassei. Não tenho ritmo, não consigo sincronizar compassos e gestos. Meus quadris são duros, meus pés se enredam em si mesmos. E, para coroar a noite, sofri um ridículo desmaio, fruto da emoção, do odor agressivo e sensual do Chanel, da voz maviosa da cantora negra e seus *blues* desesperados, do cetim úmido e frio do vestido de Luísa, de seu corpo pequeno e magro colado ao meu. Acordei, não sei quanto tempo depois, recostado no sofá, a cabeça sobre o almofadão.

“O que foi?”, ela indagou, assustada, com uma garrafa de álcool de cozinha na mão.

“Não é nada”, eu disse.

“Já sei, tua pressão”, murmurou. Sentou-se ao lado do sofá, puxou minha cabeça para junto de si, acomodou-a sobre o colo. Ficamos assim, em silêncio. A música soava, mais límpida, mais intensa, mais tocante, porque era noite, porque as notas mergulhavam no silêncio e o agitavam com delicadeza, porque eu era capaz de ouvir, sob o efeito da hiperestesia, em profundidade. Na voz rouca e agoniada da negra, eu conseguia detectar a sua

amargura, a luxúria que a envenenava. Os dedos de Luísa retumbavam sobre meu couro cabeludo. Tinha vontade de mandá-la parar, mas receava magoá-la. Pai, pai, por que me abandonaste? Luísa, astuta e maliciosa, aproveitou a minha fraqueza. Estendeu-se no tapete, lânguida.

“Faz amor comigo”, sussurrou, tomando minha mão e depositando-a sobre o púbis. Não suportei o contato gelado e viscoso do cetim, arregacei-lhe o vestido e toquei sua carne morna e pulsante. O vinho fluía nas minhas veias, rumoroso, aquecendo-me o sangue. Os dedos avançaram, introduziram-se sob a calcinha, molharam-se nas suas secreções vaginais. Luísa e a cantora gemiam. Tive uma ereção violenta, urgente, dolorosa. Despi-me e deitei-me sobre a mulher. “Calma”, ela disse e se esgueirou sob o meu corpo. “Na banheira”, continuou, já em pé, e ajudou-me a levantar.

* * *

Diante desta janela, quantas horas perdemos, mais ela que eu, a fitar as luzes da cidade? Às vezes, Luísa chegava em silêncio, e em silêncio partia. Sequer a música a entusiasmava. Ao entrar, e nesses dias não fazia uso da chave que eu lhe dera, era preciso abrir-lhe, eu mesmo, a porta, vinha envolta numa túnica, comprada no Brique da Redenção, de tonalidade verde, atravessada por filetes dourados, e como que circundada por um halo escuro. Seu olhar esgazeado, de luz incerta e vacilante, não me via, por mais que eu tentasse chamar-lhe a atenção. Paciente, eu a esperava. Literalmente, a esperava. Por que *ela* não estava *nela*. E então, no meio da noite, e em muitas noites o retorno acontecia nos últimos instantes da madrugada, esfregava-se às minhas costas, mordiscava-me a orelha, pedia que eu lhe contasse obscenidades.

Histórias escatológicas, grotescas, em que o protagonista fosse eu. Sem tê-las vivido, eu as inventava. No princípio, eram histórias sensuais, quase edificantes. Depois, comecei a gostar, eu próprio, das loucuras que inventava e passei à mais escabrosa pornografia. A palavra, mais que as carícias, os beijos, as penetrações, excitavam Luísa. E a mim também.

* * *

“Odeio a natureza”, ela quase gritou, quando a convidei para um passeio ao campo.

“Tu ficas na piscina, tomando sol”, tentava seduzi-la.

Ricardo, o colega de trabalho, convidara-me para um churrasco, no sítio de seus pais, em Belém Velho. Não era a primeira vez que o estagiário ensaiava uma aproximação, apesar da distância protocolar que eu mantinha. Desconfio de subalternos e não gosto de amizades repentinas. Perguntei-lhe se poderia levar uma amiga, e ele pôs-se a rir. “Agora está explicado”, disse. Eu quis saber o quê. “Teu humor”, continuou. “De alguns dias para cá, pareces outra pessoa. Ah, não esqueçam de levar roupa de banho, a piscina está limpa.”

“Será que tem borrachudo?” — Luísa começava a ceder.

“Os mosquitos são insetos crepusculares.”

“Está bem, mas no meio da tarde a gente volta. Quero ver um filme que está em cartaz no Guion.”

Luísa não conhecia ainda o “Freddy”, meu Chevette 94, emplacado em Pau-d’Arco. Enquanto descíamos à garagem, imaginei sua decepção diante de meu automóvel reluzente, vermelho-sangue, com faroletes de neblina e rodas de magnésio. Previ, até mesmo, sua recusa de embarcar nele.

“Que coisa mais linda!”, ela exclamou, assim que nos aproximamos do veículo.

Era sábado, era outono, e eu era feliz. Luísa sorria, mexia em tudo, abria o porta-luvas, fechava, tornava a abrir, sintonizava uma estação de rádio, depois outra, punha a cabeça para fora da janela, para que o vento lhe agitasse os cabelos, dava gritinhos. Nunca, até então, eu sentira tamanho prazer em dirigir. Diminuí a velocidade, para que aquele instante se prolongasse. Contra a luz da manhã, de perfil, Luísa parecia, outra vez, o anjo revoltado. Depois que saímos do túnel de vegetação da Estrada da Cascata, formou-se, dentro do carro, um pequeno arco-íris, por conta do reflexo produzido pelo espelho lateral.

“É o símbolo de nossa aliança”, eu disse.

“Ilusão de ótica”, ela respondeu, seca, objetiva.

Na zona alta de Belém Velho, com a mudança de ângulo do carro em relação ao sol, o fenômeno atmosférico luminoso desapareceu. Fátuo e esquivo como a paixão. E como a alegria de Luísa, que se desmanchava com a mesma rapidez com que surgia.

Conferi, no mapa desenhado por Ricardo, a entrada do sítio. Havia que andar, além da faixa principal, asfaltada, ainda mais dois quilômetros por uma viela de chão batido, esburacada, pedregosa. Arrependi-me de ter vindo. Na segunda-feira, teria de lavar o carro, polir as calotas, a lataria, revisar a suspensão.

“Que merda”, exclamei.

Luísa, que vinha mergulhada em cavilações, a roer a cutícula das unhas, explodiu:

“Pára o carro, quero descer.”

Como não a obedeci, abriu a porta e ameaçou jogar-se para fora.

“Ficou louca?”, perguntei, e meti o pé no freio. A derrapagem levantou uma nuvem de poeira.

“Eu *sou* louca”, ela disse e saiu estrada afora.

Sem saber o que fazer, manobrei, fiz o retorno e passei a andar, em marcha lenta, ao lado dela.

“Entra aí”, repeti, inúmeras vezes.

No asfalto, meia hora depois, em direção a Porto Alegre, estacionei no acostamento e desci. Eu estava furioso. Saí ao seu encalço, agarrei-a pelo braço e, literalmente, arrastei-a de volta para o carro. Sem nenhuma resistência, sem nenhuma palavra de reclamação, Luísa acomodou-se no assento, de olhos fechados. Fiz outro retorno, pisei no acelerador e entrei na ruazinha vicinal em alta velocidade.

“Pobrezinho do Freddy, vai se desmanchar todo”, Luísa disse e começou a rir, às gargalhadas. Seu riso era nervoso, histérico. Riu até a chegada ao sítio. Diante da porteira, enfeitada com duas grandes rodas de carroça, com moirões encimados por caveiras de boi, buzinei. Um cão negro, grande e feroz, jogou-se contra a cerca de arame. Ricardo apareceu, de chapéu, bombacha, botas de cano alto, um punhal de prata atravessado na guaiaca, lenço branco, de seda, de três nós, amarrado ao pescoço, um rebenque na mão. Quase não o reconheci. Acalmou o cachorro, descobriu a cabeça, abriu a porteira.

“Cheguei ainda agorinha do Lami”, ele explicou. Deve ter imaginado que o riso de Luísa devia-se a sua indumentária. “Gosto de cultivar as tradições”, explicou, contrariado.

Avancei pela trilha de pedra britada, estacionei atrás da casa, ao lado da piscina. O cavalo pastava, encilhado ainda, as rédeas no chão, no gramado que cercava a residência. Na água, quatro rapazes jogavam vôlei, com uma bola de plástico, e, no avarandado, um velho espetava carne. Ao sol, nas lajotas da piscina, três mulheres se bronzeavam.

“Quero andar a cavalo”, disse Luísa.

“Sabes montar?”, perguntei, espantado.

“Passei a infância, no Alegrete, no lombo de um malacara.”

Ricardo reduziu as apresentações ao pai e à mãe. Descobriríamos, depois, ao longo do dia, que um dos rapazes e uma das mulheres eram seus irmãos. Ela, mãe de três filhos, divorciada; ele, solteiro; Regina e Ronaldo. Os pais se chamavam Romildo e Rejane, os netos, Rivaldo, Roberta e Renata.

“Posso?”, Luísa perguntou, antes que Ricardo retirasse os arreios do cavalo.

“É meio duro de trote”, ele disse.

Hábil, ela saltou sobre a montaria e deu uma volta completa ao redor da casa. Tinha estilo, sabia empinar o peito, encaixar as pernas sobre o dorso do animal, segurar as rédeas. Os rapazes a aplaudiram, as mulheres a ignoraram. Ser o centro das atenções, eis o que a tornava feliz, loquaz, espirituosa, ainda mais se fossem homens que a admirassem.

“Me dá a sacola”, ela disse, ríspida, arrogante, assim que desmontou.

Abri o bagageiro, retirei o que me pedira, sem supor que aquele viria a ser um comportamento freqüente. Na presença de outras pessoas, assumia um caráter autoritário. Insegurança, pensei, mas senti, no fundo da alma, algo mais grave que a *ira cordis*, o primeiro estágio da raiva, conforme São Tomás, em *Quaestiones Disputatae*. Alojada no coração, a cólera flui em palavras, a *ira locutionis*. A *ira actiones* só precisa de um punho, ou de duas mãos abertas.

Sentei-me próximo à churrasqueira. Romildo, entre uma cuia e outra de chimarrão, preparava o almoço. Era um homem de idade avançada, mas rijo, saudável. Pouco depois, eu saberia que fora militar e que mantinha, apesar dos setenta anos, o hábito de se exercitar todos os dias. Pensei em meu pai, morto num acidente

estúpido. Não gosto de contar essa história, ninguém acredita nela. Às vezes, a vida é mais inverossímil que a fantasia. Era domingo. Depois da missa, enquanto os outros, seus amigos e vizinhos, iam jogar bocha ou canastra, ele se metia nas roças e lagoas, atrás de preás, pombas-rasteiras, lebres e outros pássaros e animais que resistiam à mecanização das lavouras, aos inseticidas, aos adubos. No sábado à noite, Hildebrando, meu pai, sentava-se na cozinha, sobre o baú-de-lenha, e desmontava a espingarda, peça por peça. Limpava, polia, engraxava. Preparava cartuchos, trocava espoletas. Eu ficava hipnotizado pelos balins de chumbo, precipitava-me sobre eles, quando alguns escapavam de suas mãos grossas e reumáticas. Ele me recompensava com dois ou três deles, que eu guardava, zeloso, numa caixa de fósforos. Ainda na noite de domingo, eu e meus irmãos, Pedro, João, Ari, Vilmar, Letícia, Inês e Paula, comíamos lebre assada no forno ou risoto de pomba-rasteira. Um dia, meu pai não voltou. No regresso da caçada, a espingarda, ou Deus, matou-o. Metódico, cauteloso, Hildebrando desmontou a arma, separou os canos-duplos da coronha, enfiou tudo num saco de estopa e amarrou na garupa da bicicleta, com um fio de arame. Veio pela rodovia, como sempre, a pedalar faceiro, com certeza assobiava. O futuro estava pronto, à espera, no alto da colina. Os canos deslizaram, caíram no asfalto, de bico. Uma pedra contra a espoleta, uma pequena pedra, e o tiro estraçalhou-lhe a nuca. Hildebrando, o diligente, o refletido, o cuidadoso, tinha esquecido de retirar os cartuchos carregados. Tivesse alcançado a velhice, meu pai seria assim, desinibido, prestativo, companheiro dos filhos, como Romildo. Minha mãe não suportou o peso, viu-se obrigada a distribuir-nos entre a família e a Igreja. Jamais tornou a casar-se. Ainda hoje, quando nos reunimos em Pau-d'Arco, recorda o marido com ternura e sente-se culpada por não tê-lo prevenido da catástrofe, como se fosse a responsável pelo que aconteceu.

“Experimenta este salsichão”, ouvi o pai do estagiário dizer. Estendia uma travessa com rodela de tira-gosto, e sorria. “Aposto que nunca comeste nada igual.” O sabor era meio picante e aromático, diferente do que se serve nos restaurantes da cidade. Repeti a prova, sob o olhar atento e vivaz de Romildo, retendo, na boca, a carne macia. Podia ter um pouco mais de pimenta-do-reino, pensei.

“Mando fazer em Belém Novo, no açougue do Valdemar. O segredo...”

“São as ervas”, atalhei. “Tomilho, orégano, segurelha, alecrim e manjerona.”

“É impressionante”, o velho murmurou, fitando-me com admiração.

“No seminário, em Passo Fundo, produzíamos embutidos”, expliquei. Antes que ele me fizesse perguntas, apanhei a bandeja e ofereci-me para servir aos demais. Luísa estava ao sol, de bruços, sobre uma toalha de banho. Tinha posto um biquíni minúsculo, que se perdia entre suas nádegas. As outras mulheres, estiradas ao redor da piscina, vestiam-se com mais decência. Senti mais vergonha que ciúme. Depois, viria sofrer o acicate do despeito. De um só golpe, e no mesmo dia, comecei a abrir as três portas do inferno.

“Vamos comer”, gritou Romildo e bateu uma colher sobre o fundo de uma panela.

Ao redor do orgulho, e em órbita gravitacional, atraídos pela sua força negativa, circulam outros defeitos de caráter, a ostentação e a vaidade, a altivez e a obstinação, a impaciência e a arrogância, a auto-admiração e o despudor, a insolência e o desprezo, a desobediência e a hipocrisia. Sentenciei Luísa durante o almoço, no instante em que me prometi dobrar-lhe o orgulho. Subitamente, o nariz arrebitado e arrogante, que tanto me atraía, transformara-se

em símbolo do que eu mais deplorava. Luísa falava, gabava-se, ria, expandia-se. Chegou a derrubar um copo. Agarrou-se ao braço de Ronaldo, irmão de Ricardo, com exagerada intimidade. Insultou-me quando lhe sussurrei, ao ouvido, que se contivesse:

“Tu não és meu pai”, ela disse, alto o suficiente para que todos a ouvissem.

Sorri, tratei de cortar uma lasca de carne, apanhei um pão com alho. Um silêncio constrangedor desceu sobre a mesa. Romildo, a deslocar-se entre a churrasqueira e a mesa, a faca na mão direita, o espeto na esquerda, contava a todos sobre o meu “extraordinário conhecimento a respeito de temperos”.

“Imaginem, ele *me* descobriu o segredo do Valdemar num minuto.”

“Ervas de Provence”, eu disse, tratando de não parecer pedante.

“De cozinha, o Antônio é bom”, replicou Luísa, com vulgaridade.

“E de cama, não?”, perguntou Ronaldo, na outra ponta da mesa, quase aos gritos.

“Deixa muito a desejar”, ela continuou, e riu.

Retrucar a afronta seria misturar-me aos dois, fazer parte daquela *irmandade*, deixei-os divertirem-se à vontade, Luísa tinha razão: o que conta são as afinidades. Fitei-os com raiva, tive vontade de esganá-los, mas escondi meu ódio sob uma pesada cortina de indiferença. Eu precisava pairar acima daquilo tudo, honrar a educação que recebera. A civilização tinha o seu preço, e por mais amargo que ele fosse, eu estava disposto a pagá-lo.

“Lu, adoro as tuas brincadeiras”, eu disse, como se o comportamento histriônico de minha namorada fosse a coisa mais natural do mundo.

* * *

Depois do almoço, enfarado de carne — exagerei na picanha —, inclinei o banco do carro, ouvi uma sinfonia de Brahms, na Rádio da Universidade, única emissora a tocar música erudita àquele horário, e cochilei. Acordei, não sei quanto tempo mais tarde, com os gritos de Luísa. Um acidente, concluí. Por uma estranha coincidência, sonhei que estava cortando lenha, em Pau-d'Arco, na casa em que passei a infância, antes da morte de meu pai. Tinha descido o machado com tanta força, e com tal potência nos braços, apesar de ser um menino, que dividi o pedaço de árvore que servia de cepo ao meio, de onde saíram, rápidos e agitados, de caudas trêmulas e em riste, dezenas de lacraus.

“Um escorpião, um escorpião”, gritava Luísa, exagerada, dramática. Trazia uma casca de árvore na mão, úmida e comprida, sobre a qual um *Bathriurus Bonaiensis* retesava-se, assustado. Respirei com alívio. Esse aracnídeo é pouco tóxico, produz apenas dor local e reações alérgicas que não põem em risco a vida de um ser humano. Aqui no Sul, embora raros, os únicos animais que podem causar a morte, por insuficiência cardíaca e respiratória, são o *Tityus Serrulatus* e o *Tityus Bahiensis*. Entre os sintomas que antecedem o colapso final estão as náuseas, a sudorese, os vômitos e a agitação. Luísa apresentava somente o último deles.

“Onde foi a picada?”, perguntei.

“Achamos no mato”, ela disse. “Eu me escorei num tronco e a casca se soltou. Se não fosse o Ronaldo, eu podia ter morrido.”

Preferi não lhe dizer que aquele era um ser inofensivo, e muito jovem. Diante de seus olhos arregalados, apanhei-o com a ponta dos dedos e coloquei-o, com delicadeza, sobre a língua. Depois, deixei-o passear pelos meus braços. As tricobótrias, os pêlos que recobriam-lhe o corpo, eram ainda bem tênues. Têm vida curta, os escorpiões. Não mais que meia década. Atingem a maturidade

sexual antes dos dois anos. Examinei o ferrão e as glândulas que produzem o veneno.

“Tu és louco?”, Luísa gritou.

“Eles não me mordem”, eu disse e reiniciei a encenação.

Formou-se uma roda em que se misturaram exclamações de espanto e medo, risadas nervosas, reprimendas. Os pais de Ricardo não apareceram, dormiam a sesta.

“O titio é bruxo”, disse Renata, convicta.

“Vão brincar, vão brincar”, disse a mãe, afastando as três crianças.

“Coloca o bicho numa roda de fogo, pra que se mate”, disse alguém.

“É lenda”, expliquei.

Os escorpiões não se suicidam. Num círculo de fogo, desidratam. Na agonia, eles se contorcem e dão a impressão de que estão ferroando a si mesmos.

Para proteger o jovem *Bathriurus*, decidi levá-lo comigo a Porto Alegre. Consegui, com o estagiário, uma caixa de sapatos, onde o guardei. Naquela tarde, por um falso acaso, eu retomava o hábito, abandonado há anos, de lidar com escorpiões. Em Pau-d’Arco, ainda menino, criava-os no quintal, entre pedras e troncos podres. Meu conhecimento sobre eles, durante minha permanência no seminário, transformou-me num pequeno deus, admirado e odiado por todos os meus colegas. Assim, pelas delicadas mãos de Luísa, com o auxílio de Ronaldo, cumpria-se o meu destino. Não há acaso, tudo colabora com a justiça divina, da qual somos simples instrumentos.

* * *

À tarde, ao retornarmos à cidade, Luísa obrigou-me a transportar a caixa de sapatos no porta-malas. “Se tu deixares esse *bicho nojento* dentro do carro”, ameaçou, “pego uma carona com o Ronaldo.” Ou porque percebeu a minha inquietação, e tratou de ser polido, ou porque era esta, realmente, a sua vontade, o rapaz esquivou-se. “Vou dormir por aqui mesmo”, disse. O olhar com que ela o fitou, de ressentimento e mágoa, mas também de desejo, aticou o escorpião que eu trazia adormecido na alma. Este, no entanto, não era inofensivo como o *Bathriurus Bonaiensis* na caixa de sapatos, tinha o agulhão carregado do mais poderoso veneno dos infernos. Para Cervantes, o ciúme é o punhal que mata a mais firme das esperanças. Esta enfermidade, este desespero raivoso alimenta-se da inveja e do menosprezo. O pior dos monstros da imaginação é medo disfarçado em amor.

Regressei a Porto Alegre em alta velocidade, à espera talvez de um acidente que me redimisse, e me salvasse, pela morte, de todas as outras mortes a que a submeteria, no tempo que ainda nos restava. Com a visão periférica, sem desviar o olhar das curvas que se aproximavam com muita rapidez, eu mais a pressentia ao meu lado do que realmente a enxergava. Que ilusão era aquela que se apossara de mim, que me jogava com tanta violência contra tudo o que eu fora e imaginara ser? Não era eu um homem calmo, responsável e confiante? Quem era aquele *louco* que ultrapassava todos os limites do bom senso? Com que *metron* eu seria julgado? Luísa reclinara completamente o assento, e respirava com dificuldade, em *stacatto*. Numa das retas da estrada, virei o rosto e vi que estava de olhos fechados. Era-me, naturalmente, impossível descobrir em que pensava. No entanto, com a cegueira e a arrogância dos monomaníacos, eu já havia escolhido um enredo para as suas recordações. No carro, à sombra de um grande umbu, inchado de comida e confiança, o incauto, o ingênuo, dormia no

embalo suave e harmonioso de Brahms. Não distante dali, estirada ao sol, com um biquíni que mal lhe cobria os pêlos pubianos, Luísa varria a piscina com seu olhar travesso e ansioso, até encontrar os olhos amendoados e pegajosos de Ronaldo, até levantar-se, suave, lânguida e flexível e espreguiçar-se com afetação, com a lentidão dos animais peçonhentos. O tempo, eu podia calcular o tempo desse olhar fixo e penetrante que ele lhe lançara, e eu podia ver a língua de Luísa, a língua úmida e rosada, a sua língua sibarita, a mover-se entre os dentes, a acariciar os próprios lábios, num movimento pendular e incessante. O andar de inseto — agora fazia sentido o que eu percebera na calçada da Borges, já no primeiro dia. Era isso o que eu vira, antecipadamente, o andar da fêmea no cio a afastar-se em direção ao matagal, as nádegas empinadas, os braços pensos, langorosos. No encontro dos dois, já na vegetação cerrada, não havia palavras nem gemidos, somente beijos e carícias. Os ciumentos, disse Cervantes, sempre olham para tudo com óculos de aumento. Eu via os dois atracados em pé, gigantescos, Luísa meio inclinada, as pernas afastadas, o biquíni arregaçado sobre a nádega esquerda, as mãos espalmadas contra um tronco, e Ronaldo às suas costas, penetrando-a com violência. Eu era um anão, corcunda, coxo, leproso, a espioná-los, lúbrico e ferido, gozoso e desesperado, atrás de uma touceira de espinhos.

“Mete essa merda embaixo de um ônibus”, ela gritou, às gargalhadas. “Bate logo, pra acabar com tudo de uma vez.”

De imediato, recuperei a razão, tirei o pé do acelerador, pisei no freio, reduzi a marcha e parei no acostamento. Eu podia sentir o sangue a pressionar a cabeça, os globos oculares, o interior dos ouvidos. Gritei, agarrado ao volante, com tanto desespero que pensei que meu coração não fosse suportar.

Ainda aos gritos, saltei sobre Luísa, mordi-a com fúria, rasguei sua blusa branca, desci seu pequeno *short* até os joelhos,

imobilizei-a com seus próprios braços, e a penetrei no ânus. Debateu-se, berrou, chorou. Os automóveis diminuían a velocidade, mas não se detinham. Lutou, ainda, por alguns minutos, até entregar-se, exausta. Embora subjugada e espremida contra o assento do carro, começou, sob o meu corpo, um movimento de rotação nos quadris, a princípio leve, mas que depois se acelerou até transformar-se em frenesi. Ouvei um gemido, depois outro. "Continua", ela disse, "continua. Ai, como eu gosto disso."

* * *

O sol mergulhava no Guaíba e sobre a cidade pairava um halo, do calor e da poluição, quando descemos o morro a caminho do centro.

"Me leva ao cinema", Luísa pediu, com uma doçura que eu desconhecía.

"Vamos passar em casa, que eu te quero outra vez", respondi.

Encolhida no assento, sentada sobre as próprias pernas, não disse nada. Luísa, às vezes, assumia o caráter de *Pulsatilla*, que a literatura homeopática descreve como suave, dependente, flexível, sociável e de uma emotividade delicada. Em que escaninho escondia-se a histérica, a extravagante, a exibicionista de sentimentos efusivos e ruidosos? Como um catavento, cuja fixidez das hélices depende da absoluta calma, Luísa esperava o retorno da palavra, do gesto, do olhar que lhe devolvessem a ansiedade, a angústia, a irritação. E, então, giraria tresloucada outra vez.

Parei o carro, que aquele era um instante mágico, único, de difícil repetição.

"Que coisa fantástica", ela exclamou.

"Dizem que é o pôr-do-sol mais lindo do mundo", eu disse.

“Falo da cidade no nevoeiro”, retrucou. “Parece um filme do Fritz Lang.”

* * *

Comprei o aquário na segunda-feira, depois do passeio ao campo. Ambientei-o com pedras, areia, pequenas lascas de madeira. Luísa ajudou-me na escolha, numa loja na Protásio Alves.

“Acho que ele iria preferir o quadrado”, disse-me ao ouvido, no instante em que eu optava, diante do vendedor, por um redondo.

Refleti um pouco e concordei.

“Já que temos uma mudança”, ela disse, dentro do carro, a caminho de casa. “Vamos aproveitar e fazer outra.”

Não entendi.

“Quero ir morar contigo.”

Só então eu soube que Luísa residia na Cristóvão Colombo, perto do Cine Astor, com duas amigas. Não permitiu que eu subisse para ajudá-la.

“Espera aqui”, disse, seca, autoritária.

Minutos depois, ela entrava no carro, com uma caixa de papelão e duas malas.

* * *

“Vai se chamar Gandhi”, eu disse, depois de instalá-lo na sua nova casa.

“Lúcifer”, ela sugeriu.

Luísa envolvia o Príncipe das Trevas em tudo, como se a forma de prestar-lhe devoção fosse apenas esta. Na rua, caçava combinações numéricas, preferia tomar lotações ou táxis que trouxessem os números da Besta; nas lojas, procurava comprar

blusas e bolsas cujas marcas de fabricação estampassem as iniciais de Belzebu e Satã.

“O *Bathriurus* é um escorpião de paz”, justifiquei. “Vai se chamar Gandhi.”

Durante o mês que viveu, alimentou-se com baratas recém-nascidas, que eu trazia dos túneis da Cúria.

“Tu não tens nojo?”, Luísa perguntava, na hora em que eu soltava os insetos no aquário.

“Sinto admiração.”

“Tu és pirado mesmo”, ela retrucava, trancando-se no quarto.

Sempre, na hora da alimentação de meu escorpião, era a mesma ladainha.

“Como não admirar esses seres maravilhosos, capazes de sobreviver a uma guerra nuclear?”, eu argumentava. “As baratas estão na terra há mais de quatrocentos milhões de anos. Chegaram antes da gente e vão estar aqui, depois da hecatombe final.”

“Ah, não me vem com os teus apocalipses, odeio esse bicho, tenho nojo dele, e pronto.”

* * *

Vivemos, por algumas semanas, em completo êxtase, isolados, sem freqüentar bares, restaurantes, cinemas. Saíamos somente para trabalhar. Eu a deixava bem cedo, a dormir ainda, e partia para a secretaria da Cúria, que abria antes da loja de calçados em que ela trabalhava. Em menos de dez minutos, a secretaria distava duas quadras de minha casa, eu já estava arquivando certidões de nascimento e óbito. O tempo arrastava-se, eu me consumia de saudade do corpo de Luísa, de seu olhar, de sua voz. Ao retomar, no final da tarde, encontrava-a no sofá, lendo, fumando e tomando café. Depois de um banho rápido, metia-me na cozinha, a preparar

as mais extravagantes iguarias. Em pouco tempo, Luísa engordou. Eu a preferia assim, mais fornida, sem tantos ossos à mostra sob a pele, em especial os da bacia, e as costelas.

Uma noite, teve um acesso de choro e uma explosão de cólera, culpou-me, eu a estava deformando, eu a havia aprisionado, eu a sufocava, eu a oprimia. Bebeu além da conta, misturou fermentados e destilados, fumou um baseado inteiro. Para evitar confusão, deitei antes da hora costumeira. Tarde da noite, ouvi um ruído estranho. Como não a vi ao meu lado, resolvi levantar-me. Encontrei-a ensangüentada na banheira, sob a ducha de água, a gilete ainda na mão direita, a murmurar frases desconexas. Embora não fosse profundo, o corte precisava de sutura. Fiz um torniquete no seu pulso esquerdo, enrolei-a num roupão e levei-a ao Pronto Socorro.

A essa tentativa de suicídio, sobreveio um longo período de estupor e alienação. Luísa ficava dias sem falar, sem sorrir.

“Posso ir trabalhar tranqüilo?”

“Pode”, ela murmurava, apática, distante.

“Queres que eu fique aqui?”

“Não precisa, estou bem.”

Uma tarde, o expediente terminava mais cedo no horário de verão, encontrei o apartamento vazio. Luísa tinha partido, mas deixara algumas peças de roupa, bijuterias, perfumes e outros objetos pessoais.

À noite, ao soltar algumas baratas no aquário, percebi que Gandhi estava morto, esmagado. Eu sabia que Luísa não o suportava, mas não imaginei que tivesse coragem de chegar a tanto. O espaço ficou vazio, até que, um ano depois, através da mala diplomática da nunciatura apostólica, consegui importar Genghis Kahn, filho das areias quentes dos desertos da Califórnia. Luísa, infelizmente, não o conheceu. Custou-me caro, dólares para

o índio de Tao, que o caçou; dólares para o seminarista, que o trouxe no avião; dólares para os fiscais da alfândega, que burlaram a legislação sanitária, mas valeu a pena. Seu veneno tem grande eficiência, a agonia das vítimas não dura mais que duas horas. Gosto de ver o choque das mulheres, quando compreendem que a dor é real, que Genghis Kahn não é apenas um escorpião amestrado, que a ardência da sua picada supera em tudo o que tinham imaginado. Vidro moído, limão sobre ferida aberta, pedra nos rins, ácido de bateria nos olhos, câncer de próstata, parto sem anestésico — nada há que se compare ao veneno de meu vingador. Às sextas-feiras à noite, levo-o aos subterrâneos da Cúria, onde as mulheres nos esperam, amarradas sobre a mesa octogonal. Transporto-o na caixinha de música, herança de Luísa.

* * *

“Sim”, disse o gerente, “essa moça foi vendedora aqui, há uns três anos.”

Fitou a imagem ainda por alguns segundos e a devolveu. Na foto, de corpo inteiro, tirada em Belém Velho, Luísa sorria na borda da piscina, as mãos nos quadris, como que contrariada pela indiscrição da câmera.

* * *

“Sou eu”, ouvi Luísa gritar, quando atendi ao telefone. À sua voz misturavam-se outras vozes, risos, gritos, acordes de música pesada, tilintar de copos e garrafas.

“Onde estás?”, perguntei.

“No Garagem Hermética”, ela respondeu. “Vem pra cá.”

Ao desligar o aparelho, depois de ter-lhe prometido que iria vê-la, compreendi que Deus me dava uma nova chance. O bom pastor sempre busca suas ovelhas desgarradas, mas não as obriga a regressar ao redil. Retornar à cama seria salvar-me, para sempre, das gavinhas e ventosas de sua pele acetinada. Por alguns instantes, digladiaram-se em minha consciência os anos de rigor espartano, a aridez da virtude e da solidão contra as horas de êxtase e de celebração da carne em companhia de Luísa. Os dias da separação tinham sido difíceis, da mais intensa dor.

Sem pressa, tomei um banho. Estirei-me na banheira, com o chuveiro aberto. A água batia na minha cabeça, escorria pelos ombros, descia para o ralo, mas não levava consigo a minha indecisão. Por alguns segundos, eu tinha certeza, não tornaria a vê-la, não queria vê-la, por mais ardentes que pudessem vir a ser os dias futuros, por melhores que tivessem sido os dias passados. Aquele mês ficaria gravado na minha lembrança, o ponto alto em minha vida, trinta dias dedicados à luxúria. Tudo o que fizéramos reduzia-se a copular, assistir a filmes em vídeo, conversar sobre literatura, arte e filosofia. Talvez mais que do corpo, vivêramos uma plena comunhão de espíritos. E, então, minha decisão de não encontrá-la dissolvia-se, aguava-se. Era preciso apressar-me, ela poderia deixar o Garagem Hermética, ou envolver-se com outro. Escovei os dentes, vesti uma camisa preta e uma calça *jeans*, borrifei Dune no peito, nas mãos, esfreguei o perfume no queixo. Para marcar o recomeço, decidi deixar a barba crescer. Angustiado, corri à garagem, fiz cantar os pneus do Freddy na arrancada. Minutos depois, subia as escadas do velho casarão do início do século, na Rua Barros Cassal, e entrava na boate, sem fôlego.

Encontrei Luísa no bar, escorada no balcão, cercada de adolescentes imberbes. Tinha os olhos incendiados, congestionados de fumaça, álcool e maconha.

“Ai, *Sapo*, quanta demora”, ela murmurou, com voz pastosa.

Cheguei a fazer menção de recuar, mas Luísa me deteve.

“Deixa de ser bobo, é brincadeira”, ela disse, meiga.

Um dia, em casa, depois de uma longa sessão de carícias e penetrações, contei-lhe a história do escorpião e do sapo, que eu tinha visto no filme *Crying Game*, de Neil Jordan.

“Se o escorpião se apaixonasse pelo sapo, seria mais forte que a sua natureza e resistiria”, ela ponderou.

“Por quanto tempo?”, perguntei.

“Depende da largura do rio, da correnteza.”

Um mês, pensei. O rio de Luísa tinha um mês de largura, não mais que isso.

“Quero te mostrar uma coisa”, eu disse.

“Mostra”, ela respondeu e fitou as minhas calças na altura da genitália.

“Na Cúria”, respondi.

* * *

Antes de abrir a porta que dava acesso à secretaria, examinei a rua. Se o arcebispo soubesse, me demitiria. Como explicar-lhe uma visita, de madrugada e acompanhado, ao meu local de trabalho? À noite, a Praça da Matriz e suas adjacências ficam quase desertas. Nesta região, não há bares, nem casas comerciais. Na esquina das ruas Espírito Santo e Duque de Caxias, em diagonal à entrada do arquivo da Cúria, havia uma livraria, que se mantinha aberta a noite toda. Fechou, por falta de clientela. A farmácia que a substituiu encerra suas atividades cedo da noite, por causa dos assaltos. Certo de que nenhum olho registrava a nossa invasão, empurrei a pesada e alta porta de madeira de lei, ricamente

ornada. Entramos. Pedi à Luísa que não acendesse a luz, nem falasse. Na gaveta da escrivaninha, eu guardava uma lanterna.

“Segura”, eu disse.

Luísa apanhou-a e focou-a de baixo para cima, sob o queixo, de tal forma que seu rosto se distorcesse pelas sombras. Fez caretas, grunhiu. Depois, ficou a brincar com o fecho de luz.

“Me ajuda a arredar esta estante.”

“Cara, os túneis existem”, exclamou, tomada de uma excitação doentia.

Abri a porta de metal com lentidão, para que rangesse o mínimo possível, tomei-lhe a lanterna, segui na frente.

“Existem”, respondi, “mas é um segredo absoluto. *Agora*, duas pessoas, em Porto Alegre, os conhecem. Era daqui”, prossegui, “que saíam aquelas baratas esbranquiçadas e cegas que o Gandhi adorava.”

“Me perdoa”, Luísa quase ganiu, “foi um acidente. Levantei uma das pedras, no aquário, pra vê-lo e me assustei, deixei-a cair sobre o pobrezinho.”

Era uma explicação pueril, mas acreditei. Sob o efeito de baseado e álcool, Luísa não mentia. Relaxada e descontraída, era transparente.

“Esquece”, continuei.

Seguimos pela galeria escura e abafada, à luz da lanterna, até o salão octogonal. O ar era úmido e frio, e tinha um cheiro acre, dos excrementos das ratazanas que infestavam os subterrâneos. O salão, que ficava sob a nave central do templo, tinha arestas de três metros, escavadas na pedra bruta. Os quatro pontos cardeais abriam-se em novas galerias, atrás de outras portas de ferro. A do Sul, que acabáramos de atravessar, vinha do arquivo, e dava acesso à Catedral, por uma escada interna; a do Norte atravessava a Praça da Matriz, sob o Monumento a Júlio de Castilhos, e terminava na

Biblioteca Pública; a do Leste conduzia ao antigo prédio das cocheiras do Império, o Forte Apache, e a do Oeste terminava sob o Solar dos Câmara, ao lado da Assembléia Legislativa. Esta galeria, a meio caminho, bifurcava-se noutra, mais estreita e mais baixa, que abria passagem até o Palácio Piratini.

“Vamos até a Biblioteca”, disse Luísa.

“É perda de tempo”, expliquei. “As saídas dos túneis estão lacradas, o que impede o acesso aos outros prédios. Além disso, estão infestados de morcegos e ratazanas.”

No centro do octágono, havia uma mesa de pedra, de baixa estatura, que reproduzia as oito arestas. Aproximei-me de Luísa, estava ofegante. Agarrei o seu pescoço, com ambas as mãos, e puxei a sua cabeça de encontro ao meu peito. Bastava-me um apertão e tudo estaria acabado, mas eu ainda a amava.

“Tu podias me matar e jamais encontrariam o meu corpo”, ela disse, como se me provocasse.

Acariciei-lhe os seios, pequenos e duros, empurrei-a contra a mesa de pedra, senti o pau intumescer. Luísa já tinha arregaçado a minissaia. Foquei a lanterna sobre seu corpo e vi seus pêlos curtos, em forma de retângulo.

“E a calcinha?”

“Não gosto de usar, me sinto aprisionada.”

“Você trepou com alguém?”

“Claro”, ela respondeu, e fez seu riso ricochetear contras as paredes das galerias.

“Com quem?”, gritei.

“Sei lá, um dos carinhas, lá no Garagem.”

Enfiei a mão entre as suas pernas, mergulhei os dedos na sua buceta. Cheirei-os, recendiam a algo ácido, talvez a mistura de urina e esperma.

“Me fode”, ela gemeu.

Tentei, mas falhei. O medo me paralisou.

* * *

Um mês, Luísa teria ainda um mês. Se dentro de um ciclo lunar quisesse partir, era só recolher, de novo, as suas roupas e os seus perfumes, atravessar a sala e desaparecer da minha vida. Eu seria justo, eu seria preciso, exato. E, caso não partisse, antes da imolação, eu lhe daria todas as oportunidades de confissão, para que pudesse morrer em paz, digna e limpa.

“O que tu tens, cara?”, Luísa repetia, noite após noite, ao ver-me no parapeito da janela, a fitar as barcaças no Guaíba.

“Quero saber a verdade.”

“Que obsessão, Antônio. Já te contei tudo.”

Ainda sentada sobre a mesa de pedra, nos subterrâneos da Cúria, com o sexo exposto à luz da lanterna, negara tudo.

“E mesmo que eu tivesse dado pra alguém, não estaria te traindo, tínhamos rompido.”

“Tu saíste de casa, sem dizer nada, sem me deixar sequer um bilhete.”

“Está bem, meu amor, mas não fiz nada de errado, eu estava brincando. Só quis te provocar, pra te deixar de pau duro. Passei a noite no Garagem Hermética pensando em ti, tanto que te liguei.”

“Por que saíste de casa?”

“Já te expliquei mil vezes, eu estava cansada do teu ciúme, não suportava mais ouvir tuas acusações infundadas. Ainda dei o azar de matar o Lúcifer.”

“Tiveste alguma coisa com o Ronaldo? Nem um beijo, lá no matagal? Ele não te passou a mão? Vocês estavam tão íntimos, até carona com ele tu quiseste pegar.”

“Tenho certeza que tu vais superar esse problema, é só dar um tempo.”

“A verdade, eu só quero a verdade. Depois, tu podes ir embora.”

“Não quero ir embora, quero viver ao teu lado, quero te fazer feliz. Não fica me expulsando da tua vida.”

“É pro teu bem.”

“Pára com isso, vem tomar um banho comigo.”

Às vezes, eu aceitava o convite. Esfregava as suas costas, massageava o seu pescoço, abraçava-a, mas o desejo estava morto.

* * *

“Tu vais reformar o apartamento outra vez?”, Luísa perguntou, a três dias do prazo final, quando a Tumelero entregou as sacas de areia e cimento que eu havia encomendado.

“É só um conserto no banheiro”, respondi.

“Já escolheste o azulejo? Deixa eu te ajudar, vai, deixa.”

“Está bem, amanhã.”

* * *

“Estas flores são tão delicadas, tão suaves”, disse Luísa a passar a ponta do dedo sobre a louça esmaltada.

“Boas para enfeitar uma tumba, não achas?”

“Tens cada idéia”, ela disse e se afastou para dentro da loja, a vasculhar outras coisas, queria comprar também um abajur de cabeceira, para ler na cama sem me importunar.

“Vamos levar dois metros quadrados deste tipo”, eu disse ao vendedor, e apontei para os azulejos brancos, enfeitados com desenhos japoneses. “Ah, e vê também uma pá de pedreiro.”

* * *

Ricardo, no último dia, percebeu minha angústia. Eu não conseguia me concentrar, sentia-me sufocado, levantava-me com frequência, saía à rua, retornava, ia ao banheiro, subia à nave central, descia, retirava caixas das prateleiras, recolocava-as no lugar, abria as gavetas, examinava papéis, lia o jornal.

“Que bicho te mordeu? Tu não te aquietas. Vais fazer um atentado?”

Ri.

O riso, para Aristóteles, é um sentimento inferior, por que não produz catarse. Recordei-me de meu confessor, de sua serenidade, de sua virtude, de seu olhar apaziguado. “Só a tragédia”, dizia nas aulas a respeito do teatro grego, “com sua hecatombe, com sua violência exemplar, é capaz de purgar os sentimentos.” Sim, padre, já sei, a palavra *hecatombe* significa, na sua origem, o sacrifício de cem bois. Como se chamaria, em grego, o sacrifício da mulher amada?

“Por que não vais pra casa? Sempre é bom”, disse Ricardo, com seu risinho sarcástico, “dar umas incertas. Se o velho te chamar, digo que foste ao dentista.”

* * *

“Tu tens visto o Ronaldo?”, perguntei.

“Nunca mais”, respondeu Luísa. “Por quê?”

“Por nada.”

“Por que, então, a pergunta, assim, sem mais nem menos?”

“O Ricardo fez uma insinuação.”

“Insinuação? Que insinuação?”

“Besteira.”

“Besteira é o que tu tens na cabeça. Sempre me testando, pra ver se eu caio em alguma das tuas armadilhas.”

“Posso te pedir uma coisa?”

“Pede.”

“Arruma as tuas coisas e vai embora.”

“Não sabes que sou do contra? Enquanto tu me pedires pra te deixar, vou ficar aqui, nem que tu me mates.”

“Hoje faz um mês que te levei na Cúria.”

“Ah, não quero voltar a este assunto, eu já te disse, não dei pra ninguém naquela noite, eu estava brincando, só queria te machucar um pouco.”

“E o cheiro de porra?”

“Era suor, cara, eu tinha dançado muito, o que tu sentiste foi o cheiro do suor, põe isto na tua cabeça, de uma vez por todas.”

“Então, vamos fazer um teste.”

“Que teste?”

“Hoje à noite, vais dançar outra vez no Garagem Hermética.”

* * *

Nas últimas semanas, a anestesia moral tomou conta de meu espírito e a indolência física tornou-me pesado e lento. É difícil imaginar que já fui magro e ágil. Como um porco capado, adiposidades agregaram-se aos meus braços, pernas, pescoço.

“Nossa”, disse Luísa, “engordaste mais dois quilos. Desce daí.”

Vaidosa, saltou sobre a balança. Estava fazendo uma dieta rigorosa, mal tocava nos pratos que eu preparava. Fitei seu corpo esbelto, suas pernas finas, seus seios minúsculos. Estava nua, molhada ainda do banho recente. Apanhei um frasco de óleo de amêndoas no armário, encharquei as mãos e passei-as nos seus ombros, nas suas costas, nas suas nádegas.

“Ai, assim tu me deixas excitada.”

Ignorei a provocação e continuei a massagem lustral, como se a preparasse para o sacrifício. Esfreguei-a por longo tempo, até que a pele absorvesse a fina camada de gordura vegetal. Depois, tomei-a nos braços. Era leve como uma criança. Carreguei-a até o quarto, escolhi um conjunto de calcinha e sutiã pretos, meias de *nylon* e cinta-liga, e o vestido de cetim azul.

“Foge de mim”, implorei.

“Agora, que estás tão querido?”

Luísa confundia a premeditação paciente com carinho, ternura. O escorpião, antes do ataque, aquieta-se, distende os pedipalpos, abaixa a cauda, mimetiza-se com o ambiente, para que o inseto não tenha a menor chance de reação.

“Use o Fendi”, eu disse, antes que ela se perfumasse.

* * *

“Vamos ao Dante”, decidiu Luísa, diante do Garagem Hermética fechado.

Subi a Avenida Independência, em marcha lenta, a observar as calçadas quase vazias. Assaltos, estupros, assassinatos, a violência urbana afugentava o povo das ruas. Ainda não era meia-noite e, apesar da sexta-feira amena, o verão amainara, a cidade estava morta. Acelerei no topo da Mostardeiro, para que o Freddy mergulhasse no longo declive, produzindo o frio no estômago característico das quedas bruscas.

“Adoro isso”, disse Luísa, radiante.

Atravessei o Parcão, pela Goethe, descii a Timóteo, entrei à esquerda, mais adiante, na Cristóvão Colombo. O Dante era um bar diferente, com público sofisticado, de intelectuais e profissionais liberais. Um pavilhão retangular, que devia ter abrigado alguma

fábrica de esquadrias ou de calçados, fora dividido em três ambientes. O American Bar ficava exatamente em frente à porta de entrada. Nunca utilizei as banquetas estofadas, nas muitas ocasiões em que retornei ao lugar, porque odeio ficar de costas para portas e janelas. À direita, era o Purgatório, onde se podia jogar xadrez, dardos ou ler. A livraria, a um canto, embora pequena, continha excelentes publicações de escritores malditos, Baudelaire, Rimbaud, Poe, Cruz e Souza, Artaud. À esquerda, adiante do bar, havia o palco para bandas e pista de dança, além das mesas de jantar. Neste espaço, a escuridão era quase total, sobre as mesas bruxuleavam luzes de vela. O ar tinha cheiro de cera derretida e de flores murchas, que pendiam de ramalhetes afixados nas paredes, entre tules cinza e negros. Luísa quis ir para o Inferno, eu optei pelo Purgatório.

“Depois, passamos para o outro lado”, eu disse.

Ocupamos as poltronas diante do tabuleiro de xadrez. Luísa, a rigor, mal sabia conduzir as peças, confundia os movimentos de cavalos e bispos. Tentei ensinar-lhe, mas era incapaz de se concentrar. A amplidão estratégica e a objetividade tática pareciam-lhe conceitos distantes, vagos demais. Não apreendia sequer a metáfora da guerra, punha-se a inventar histórias escabrosas sobre a rainha e os bispos, sob o olhar complacente do rei. Passamos aos dardos, que não requeriam nenhum esforço mental.

A cada acerto, Luísa explodia de alegria, gritava, saltitava no tablado. Depois de algumas partidas, cansei, sentei-me à distância, a observá-la. Em breve, estava cercada de rapazes. Assim que ela passou a flertar com um deles, levantei-me, furioso, agarrei-a pelo braço e a arrastei em direção a outra sala.

— Vamos dançar — eu disse.

* * *

Sim, porque ela nunca fez uma coisa como essa antes, pedir pra ter seu desjejum na cama, um par de ovos, torradas, um café bem forte, Luísa não gostava desse tipo de delicadeza, considerava uma espécie de servilidade, subserviência, como se por receber esse tipo de atenção ficasse em dívida, e tudo o que mais odiava era devolver alguma coisa, tinha vomitado no banheiro do Dante, e no carro também, não há nada pior do que um porre de vinho tinto, mas já estava com fome, haviam se passado mais de três horas, os nomes eram tantos, resolvi fazer uma lista, eu trouxe tudo, sim, exatamente o que ela pediu, não podia negar-lhe este último desejo, então anota aí, ela disse, escreve o nome de cada um deles, escreve, repetiu, se é isto mesmo que tu queres, a luz difusa da madrugada invadia o quarto e coloria tudo de um prateado opaco, sem vida, eu apanhei o bloco de papel em que anotava as despesas, *Tó dè pân émpsykhon hâma kài daimónon plêres*, tudo é animado e plenamente numinoso, eu tinha transcrito na primeira página, eu admirava os pré-socráticos, Tales de Mileto, mais que todos os outros filósofos, procurei uma caneta, merda, na hora em que tu mais precisas as coisas desaparecem, na gaveta da cômoda, ela disse, e tinha razão, a caneta estava lá, sentei na borda da cama, perguntei por que, por que a compulsão, eu queria entender, apenas isso, minha decisão de matá-la era irrevogável, o prazo havia se esgotado, os santos foram os piores pecadores, depois da confissão estaria pura outra vez, Ronaldo, sim, o epicentro de tudo, não era possível que fosse amor o que sentira por ele, uma única vez, na chácara, enquanto eu dormia no carro, como confessou no Inferno, depois que a levei para dançar, fiz um grande esforço, mas dancei, atracaram-se no matagal, no chão, sobre as folhas secas e os gravetos, eu só me equivoquei na posição, Ronaldo, escrevi no

alto da página, o primeiro da minha lista, mas não da lista de Luísa, havia outros, o rapaz da locadora de vídeos, o advogado do andar de baixo, um médico, no próprio consultório, tudo durante o período em que viveu comigo, gosto de trair, disse rindo, exausta e bêbada, com três, com quatro, sou louca por sexo, um homem só não me basta, não sei viver sem, desde pequena, eu não tinha nem os peitinhos maduros ainda, meu tio me sentava no colo, ficava me esfregando, não, ele nunca me comeu, acho que teve medo, eu não era mulher ainda, só fui menstruar no ano seguinte, Luísa mastigava o pão tostado, coberto de gema de ovo, fugia, depois ele fugia de mim, sequer me encarava, o sacana, tinha me ensinado a gostar daquilo e nunca foi até o fim, não lembro, acho que não gozei sentada no colo dele, mas aprendi que podia fazer sozinha, no inverno, massageando com os dedos, eu gostava mais do inverno, do fogo na lareira, o pai tomando vinho e a mãe lendo, eu ficava um pouco com eles, na sala, reclamavam que eu não participava da vida familiar, ou estava na escola ou na casa da Maíra, ou nas festas do Clube Caixeiral, depois ia para a cama, ansiosa, no escuro o ouvido fica mais apurado, o urutau ao longe, o pio da coruja, os gemidos da velha, tarde da noite, o vinho deixava o meu pai mais ativo, eu gostava do peso das cobertas, e do vento minuano, ficava roçando, até gozar, e continuava na vontade, nunca consegui descansar, apagar o fogo, quem tirou o meu cabaço foi um peão da estância, prosseguiu, depois de sorver um gole de café, se tu queres mesmo saber eu conto, eu ia fazer treze anos, estava apaixonada pelo meu tio, pensei que dando pra outro ele viesse a se interessar por mim, mas eu me enganei, aí sim é que ele sumiu de vez, quando eu lhe disse, agora tu já podes me foder, não sou mais virgem, nunca mais apareceu lá em casa, nem na estância nem na cidade, se escondeu nas terras dele lá no Uruguai, o peão me disse que queria me mostrar um cordeiro recém-nascido, num

capão de mato, perto da lagoa, na mesma hora eu percebi o que ele queria, me fiz de tonta, fui atrás dele, montada num malacara, presente do pai, Luísa ria, era lindo, o Manuel, anotei o nome no caderninho, com o número um entre parênteses, depois eu organizaria a lista por ordem cronológica, nem me deixou descer direito do cavalo, me beijou, jogou o pelego no chão, me deitou, arriou a bombacha, eu dei um grito, aquilo era um ferro em brasa, me socou sem piedade, sangrei, não senti prazer nenhum, mas nunca o esqueci, às vezes sonho com seus olhos negros, suas pestanas grossas, devia ter sangue de índio e de espanhol, era um sujeito quieto, gostava de me *cubar*, como ele dizia, cubar era ficar paquerando, de longe, com todo o cuidado para não ser descoberto, meu pai o mataria, se soubesse, ele fazia um sinal, franzia a testa, e eu já sabia, ele me queria de novo, a gente se encontrava no capão, e ele me agarrava com gana, sofreu muito quando parti, vi lágrimas nos seus olhos na tarde em que deixei o Alegrete, meus pais achavam que os estudos aqui, em Porto Alegre, eram mais puxados, e que assim eu teria melhores condições de fazer vestibular para medicina, Luísa espichou-se na cama, não vou dormir, fica tranqüilo, contar tudo, já sei, ajeitei o vestido de cetim azul, não deixei que tirasse, estava manchado e rasgado, na saída do Dante, escorou-se num muro, acho que um prego, um arame, não, não fui fiel nem a este primeiro, traí ele também, com um cara de Bagé, quando fui passar umas férias na casa de uma amiga, a Maria Eduarda, disse, sentou-se na cama, agarrada ao travesseiro, tu queres ouvir todas as minhas histórias pra ficar excitado, seu pervertido, vem cá, mete em mim, eu te conto tudo, pode ir anotando aí nesse caderninho, não lembro o nome desse cara de Bagé, nunca mais eu vi ele, foi na piscina, dentro da água, que é chato, raspa, dói, mas ele quis assim, o amigo dele comia a Maria Eduarda ali ao lado, ele não agüentou, tirou de dentro do calção e

me mostrou, era enorme, o maior que já vi, os gemidos dela, na borda da piscina, me deixaram acesa, Luísa lambeu os dedos gordurosos, tinha perdido a empáfia e os bons modos, ele veio por trás, gostava desse jeito, tapou a minha boca, não pude gritar, depois aliviou, é só relaxar a contração, daí rola legal, agora eu só gozo assim, tu não percebeste porque os homens não observam estas coisas, estão só interessados em si mesmos, não falei porque isto a gente não fala, ou o cara sabe ou não sabe, no outro dia, a Maria Eduarda comentou que estava ardida, não conseguia nem sentar direito, eu também, eu disse, e rimos, a gente tinha passado o final de semana com os caras, bebendo uísque e cerveja, comendo churrasco, tomando banho de piscina, jogando canastra, já te disse, não lembro o nome, nunca mais vi, que posso fazer, inventa um nome qualquer, José, Pedro, Eduardo, qualquer um, Bagé, pode ser Bagé, já que tens que anotar tudo, claro que tem outros caras sem nome, quatro ou cinco, no Elo Perdido, por exemplo, eu tinha uma combinação com a Helena, uma das duas ficava na porta, segurando a galera, a outra entrava acompanhada, fazia rapidinho, em pé, é meio sem graça, um carinha lindo, era uma noite fria, entrou de capote preto, sentou perto da gente, logo vi que ia ser com ele, sempre tive isso, é só olhar pro cara e já sei se vai rolar ou não, está nos olhos, no jeito com que ele te encara, me ajuda, eu disse pra Helena e ela foi pra fila, enquanto eu paquerava o cara, acho que os olhos, os olhos me lembraram o Renato, do Centro Acadêmico, esse me deixou muito louca, foi o namorado mais doce e meigo que eu tive, a gente trepava nos colchonetes, nas salas de aula desocupadas, no fundo dos corredores desertos, até na capela, Renato, anotei abaixo de Capote, não, não tão delicado quanto tu nestas últimas semanas, mas ele foi sempre assim, desde o começo, desde a tarde em que o conheci no barzinho da Engenharia, um doce, o homem mais

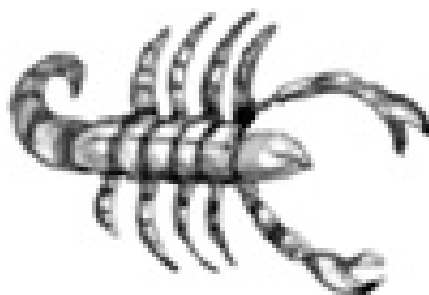
deprimido que conheci, depois do amor se encolhia no chão, me dava uma dor muito funda ver ele assim, parecia um bicho ferido, quantos eu não sei, faz as contas, uns dez por ano, dos treze aos vinte e dois, fui morar com uma tia, irmã de meu pai, em Petrópolis, fiz o segundo grau no Sevigné, ela não me controlava, me chamou no quarto dela, os olhos de Luísa fitaram um ponto distante, além da parede, ela me deu um pacote de camisinhas, não disse nada, só isso, me alcançou e desviou o olhar, sabe aquelas pessoas que são liberais na superfície, forçam a própria natureza, acho que têm a cabeça avançada e o coração retrógrado, sei eu disse, ninguém muda a própria natureza, rimos, por que os dois lembramos da história do escorpião, morei com ela mais de seis anos, adoeceu, de câncer, fumava demais, deixou o apartamento da Cristóvão Colombo, sim, era dela, ficou com a minha prima, eu te disse que eram amigas, o que é que tem, não menti, só não te disse que uma delas era parente, tu és muito detalhista, não sei por que terminei com o Renato, não lembro, ele comeu outra, ou eu transei com o melhor amigo dele, encontrei sim, várias vezes, a gente sempre acaba na cama, acho que é a química, morro de tesão por ele, no Garagem Hermética, não sei o nome do cara, antes de te ligar, estava dançando sozinha, pensava em ti, no Lúcifer, não é mentira não, posso ser puta, mas mentirosa não sou, não gosto de usar calcinha, fica mais arejado, sei que o vestido era curto, comprei com o meu dinheiro, apanhei a xícara, fui à cozinha, trouxe-lhe mais café, ele quis dançar colado, me agarrou pela cintura, passou a mão na minha bunda, senti que eu estava nua, adoro isso, ele disse, fiz que não compreendi, continuei dançando, eu te quero, ele sussurrou no meu ouvido, não consigo sentir bafo quente na orelha sem ficar molhada, tinha muita gente no salão, virei, ele me abraçou, a música ficou lenta, nos encaixamos, foi bom, muito bom, aí lembrei de ti, me livre de dele, o

bosta ficou no meu pé, vou chamar o meu namorado, eu disse, e ele riu, sim, estava escorado no balcão, junto com os outros, tu não sabes a cara de espanto dele quando te abracei, claro que lavei, depois de dançar, fui ao banheiro, tu tens um faro que vou te dizer, parece bicho, eu quase ri, lá na Cúria, naquela sala estranha, depois que tu cheiraste os dedos, num show do Djavan, nos fundos do Araújo Viana, com um dos músicos da banda, o cara ficou me encarando do palco, fui até a janela, o sol já tinha saído, recolhi a xícara e o prato, eu ainda a ouvia, mas ela não podia mais falar, a cabeça pendia para fora da cama, o rosto estava arroxeadado, tinha os olhos endurecidos, um aborto, por isso fui à igreja, pra rezar um pouco, eu não sabia quem era o pai, não, não me lembro de ti lá dentro, cheguei atrasada na Casa de Cultura porque eu tinha saído com o Jorge, anotei, quarenta e dois, ele era insaciável, me levou num motel com hidromassagem, fiquei na banheira, só fui lembrar de ti perto das oito, me desculpa, nunca te pedi perdão por te fazer esperar, insensato, ela gritou, duas ou três vezes, o que tu vais fazer?, é mentira, seu idiota, estou inventando isso tudo, é só um jogo, tuas histórias também me deixavam excitada, larguei as coisas na pia e vi sangue na mão esquerda, abri a torneira, deixei escorrer, eram marcas de dentes, furos pequenos, sim, não lembro de tudo, apenas de fragmentos, destruí as anotações, para não deixar pistas para a polícia, Cícero, Arthur, Felipe, Marcelo, recordo vagamente, eram muitos os nomes, eu só não consigo esquecer de seus olhos arregalados, do medo, do espanto, do horror, até o último instante ela não acreditou que eu fosse capaz de puni-la, sim, eu a ouvi gritar, insensato, insensato, três ou quatro vezes.

* * *

Fechei o ralo, para que as baratas não subissem dos esgotos e viessem servir-se das carnes de Luísa. Forrei a banheira com todos os seus pertences, blusas, calças, meias, calcinhas, sutiãs, pulseiras, colares, documentos. Não sacrifiquei os perfumes, cujos odores seriam capazes de trazê-la de volta à minha presença. Sabia que iria necessitar deles, nas noites de inverno. Depois, fui ao quarto. Parecia dormir, espalhada na cama. Suspendi-a nos braços, como se fosse minha noiva, e atravessei a sala. Deitei-a no leito que lhe preparara, era uma rainha egípcia, merecia seguir ao Hades com as coisas que mais amava. Misturei a areia, o cimento e a água na proporção que havíamos utilizado no Juvenato Redentorista quando construímos um novo dormitório. “A resistência do material”, dizia padre Roque, suado, a empunhar a pá de pedreiro, “depende da quantidade de pó de cimento. Nós”, ele continuava, “construímos para a eternidade, não é mesmo, Antônio?”

Dentro de alguns dias, o lacre de cimento estaria seco e eu poderia enfeitar a parte superior da banheira com os azulejos escolhidos por Luísa.



3

"

Todas as manhãs, assim que levanto, tomo água com limão, sem açúcar", eu digo. Espremo a fruta, o sumo escorre nas bordas do copo, o cheiro ácido penetra-me as narinas. Vejo, pela janela da cozinha, a palescência matinal, a luz indecisa da madrugada.

"Pra quê?", Maura pergunta.

"Pra lembrar que a vida é amarga."

"Que horror", ela exclama. "Tu tens cada uma."

"O limão ajuda a afinar o sangue, e o meu é espesso e raivoso", prossigo.

"Não acredito na tua história", ela diz. "Tu não tens cara de assassino."

Tomo-a pela mão, levo-a para o dormitório.

"Uau, que massa", Maura grita, "até parece um motel."

"Coisas da Luísa", eu digo.

Espelhos pelo quarto, em todas as posições, luzes indiretas, coloridas, lençóis de seda, *lingeries* arrojadas, unguentos e cremes especiais — coisas da Luísa.

"Já passei por isso", Maura diz, fitando-se no espelho da cômoda. "Um velho, acho que tinha uns setenta anos, ficou a noite

inteira, na boate, me paquerando. Todas as vezes em que eu me aproximava, ele me mandava circular. 'Quero ver teu rabo de longe', dizia. 'Então, me paga uma *Keep*', eu disse. Nem bebi todas, dei algumas pra Jackie e pra Melissa. Passei horas na frente da mesa do cara, fazendo *strip*. De vez em quando, ele me chamava. Eu me sentava na perna dele e ficava esfregando a xota, até arder. Ele metia uma nota de cinqüenta dentro da minha calcinha e eu fugia. Ia até o reservado das meninas, guardava a grana no meu armário. Na volta, tinha que correr com as piranhas ao redor do meu coroa. De manhã, o salão já estava vazio, ele me convidou pra visitar a casa dele. 'Hoje não', o velho disse, 'amanhã, depois do almoço. Me liga, nesse número.'"

Retiro a mordaca, a corda e as algemas da cômoda, Maura continua contando sua história.

"A casa era um palacete, no Alto Petrópolis. Quando cheguei, ele já estava de roupão. Me levou pro quarto, não me deixou fazer o *strip* de sempre, ele mesmo tirou as minhas roupas, me amarrou. Sabe que o cara não me fodeu? Ficou em pé, sobre a cama, batendo punheta. E eu lá embaixo, amarrada, vendo as suas pernas magras, a pelanca do seu saco, a cabeça do pau indo e vindo entre seus dedos. Dois ou três minutos depois, ele gozou. Tentou acertar a minha cara, sobrou pro meu cabelo, que eu tinha recém-lavado com xampu, enxaguado, passado creme pras pontas, secado, escovado. Mas valeu a pena, o velho era bom, como tu, e me deu uma grana preta."

"Fica só de calcinha", eu digo.

"Achei que tu me querias nua."

"Calma."

"Pode deixar, benzinho."

Tenho vontade de esbofeteá-la, odeio a falsidade desses diminutivos. Maura, teatral, repete os gestos do *strip-tease*. Dança,

requebra, livra-se das roupas aos poucos. Tem seios pequenos, cabem na palma da mão.

“Me bronzeio, pelada, na cobertura do meu edifício”, ela responde, quando comento sobre a cor homogênea de sua pele, sem marcas de sol. “Na bunda também, ó”, diz e rebaixa a tanga minúscula.

Aproximo-me, abraço-a por trás.

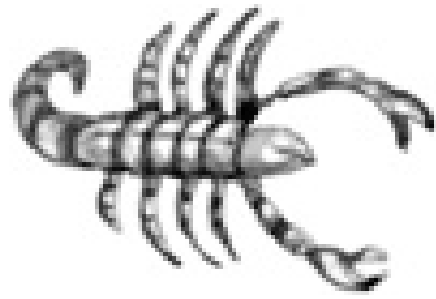
“Gostei de ver”, ela geme.

Empurro-a para a cama, ainda sem violência. Maura é dócil, delicada, não opõe resistência. Algemoo-a, cada pulso numa das guardas da cama, amarro os seus tornozelos com uma corda fina e resistente, na outra ponta. Por fim, amordaço-a. Seus olhos continuam serenos, de uma apatia bovina, de quem já enfrentou outras humilhações. Afasto-me dois passos, contemplo-a. Tem um corpo escultural, como que cinzelado no mármore. Prefiro as mulheres peludas, que hoje são raras. Gosto de ver a marca do tufo na calcinha. A passividade de Maura me acalma. Quando as baratas se encolhem entre as pedras, no aquário, Genghis Khan abaixa a cauda, desinteressado. Fito-me num dos espelhos. Não tenho fisionomia senil, orelhas de abano, prognatismo ou boca deformada. Meus olhos são vidrados, é verdade, pode-se dizer até que sombrios, negros como o óleo queimado, mas este não é um traço que desvele a minha doença. A algumas mulheres esta higidez fixa e quase psicótica funciona como atrativo. Nas boates, às sextas-feiras à noite, são muitas as que se dizem encantadas com o meu olhar.

Às vezes, como agora, depois de encarar a mim mesmo por um longo tempo, sinto medo. É como se a figura refletida no mercúrio não pertencesse a meu corpo. Meus ideais de pureza e santidade, antes de conhecer Luísa, eram a luta do bem pela posse de minha alma, perdida no seminário? Magro, deprimido, cansado de estudar,

cansado de trabalhar, cansado de viver, sem um objetivo maior que justificasse a minha existência, arrastava-me em busca de uma perfeição inalcançável. Na porta do guarda-roupas, eu tinha afixado um decálogo, que me lembrava de comer e beber somente o necessário, de ler as Sagradas Escrituras e as hagiografias todos os dias, de evitar a prática do onanismo, de jamais passar adiante uma fofoca, de buscar a verdade em todas as circunstâncias, de agradecer a Deus por todas as coisas, de doar o dízimo à caridade, de não perder tempo com futilidades, de estar atento aos sinais de Deus e de esquecer o passado. Não fui mau com os animais, nem com meus irmãos mais jovens. No seminário, aprendi a defender-me, não agi instigado pelo desejo de poder ou de glória. A preferência, hoje, por agir nas noites abafadas e quentes das sextas-feiras é pragmática: não há expediente na Cúria, aos sábados. Sento-me na borda da cama, a espera. Sem ouvir a voz de Luísa, infantil e cristalina, *Sapo, não seja covarde*, não sou capaz de agir. Maura tenta dizer alguma coisa, sob a mordança. Ainda há ternura em seu olhar. De seu corpo, em que a musculatura denuncia exercícios sistemáticos, emanam *eidolas* generosos, essências positivas. Sem um afrodisíaco, não serei capaz de agir. Vou à sala, retiro Genghis Khan do aquário. Retorno ao quarto, aproximo-o do rosto da prostituta, para que ela veja suas pinças afiadas, seu aquilão venenoso. Agora sim, agora os seus olhos se arregalam, querem saltar das órbitas, agora os seus braços e pernas se retorcem, tentam livrar-se das algemas e da corda. Com delicadeza, deposito o lacrau sobre o umbigo da mulher. Ele sabe o que fazer, sabe que um clitóris excisado assemelha-se a alguém da sua espécie. Rápido, meu aríete esgueira-se sob a calcinha e desaparece.

Os escorpiões são calmos, metódicos e pragmáticos.



Sobre o autor

Charles Kiefer nasceu em Três de Maio, uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, em 1958. Foi jornalista, mas abandonou a profissão. É professor de literatura e instrutor de oficinas literárias. Fez mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Teoria da Literatura, pela PUCRS. Lançou o primeiro livro em 1977, mas tratou de retirá-lo de circulação, bem como aos dois livros que se seguiram, publicados em 1978, por considerá-los de pouca qualidade. Em 1982, lançou a novela infanto-juvenil, *Caminhando na chuva*, que já teve dezoito edições, e que o próprio autor chama de *seu primeiro livro*. Em três décadas, publicou mais de 30 títulos, que lhe valeram três prêmios Jabutis, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Monteiro Lobato e o Prêmio Altamente Recomendável, ambos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Prêmio Octávio de Faria e o Prêmio Guararapes, ambos da União Brasileira de Escritores, entre muitos outros. Participou do International Writing Program, da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, e da International Writers Colony, em Ghent, NY. Fez parte de dezenas de antologias brasileiras e tem publicações em francês e espanhol. Dentre seus livros de ficção, destacam-se *O*

pêndulo do relógio, A dentadura postiça, Dedos de pianista, Quem faz gemer a terra, Nós, os que inventamos a eternidade & Outras histórias insólitas, O perdedor, Contos escolares, O poncho, Antologia pessoal, O elo perdido, Os ossos da noiva, Um outro olhar, Valsa para Bruno Stein, A face do abismo. Além disso, publicou livros de ensaios e poemas. Considera o seu ingresso na Editora Record um renascimento literário.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.